



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA

MARIA DA CONCEIÇÃO NOGUEIRA DA SILVA

**A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DA SEXUALIDADE HUMANA NA
FORMAÇÃO DOCENTE**

RIO BRANCO – AC
2021

MARIA DA CONCEIÇÃO NOGUEIRA DA SILVA

**A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DA SEXUALIDADE HUMANA NA
FORMAÇÃO DOCENTE**

Dissertação apresentada ao Programa de
Mestrado Profissional em Ensino de Ciências e
Matemática, da Universidade Federal do Acre.

Linha de pesquisa: Ensino e Aprendizagem em
Ciências e Matemática.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Francisca Estela de Lima
Freitas.

RIO BRANCO – AC
2021

MARIA DA CONCEIÇÃO NOGUEIRA DA SILVA

**A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DA SEXUALIDADE HUMANA NA
FORMAÇÃO DOCENTE**

Dissertação apresentada à Universidade Federal do Acre como parte das exigências do Curso de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática, área de concentração Ensino de Ciências e Matemática para a obtenção do título de Mestre.

Aprovado (a) em: 31/ 05/ 2021

Banca Examinadora

Prof^a Dr^a Francisca Estela Lima Freitas
Universidade Federal do Acre
Orientadora

Prof. Dr. André Ricardo Ghidini
Universidade Federal do Acre
Membro Interno

Prof. Dr. Antônio Igo Barreto Pereira
Universidade Federal do Acre
Suplente

Prof^a Dr^a Irineide Ferraz Bezerra França
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre
Membro Externo

**RIO BRANCO
2021**

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da UFAC

S586i Silva, Maria da Conceição Nogueira da, 1977-
A importância do ensino da sexualidade humana na formação docente / Maria da
Conceição Nogueira da Silva; orientadora: Profa. Dra. Francisca Estela Lima Freitas.
-- 2021.
98f.: il.; 30 cm.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Acre. Programa de Mestrado
Profissional em Ensino de Ciências e Matemática. Mestrado em Ensino de Ciências
e Matemática. Rio Branco, Acre, 2021.
Inclui referências e anexos.

1. Sexualidade 2. Educação sexual 3. Formação docente I. Freitas, Francisca Estela
Lima (orientadora) II. Título

CDD: 510.7

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Kezia Santos CRB-11/508

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Kezia Santos CRB-11/508

CDD: 510.7

Dedico este trabalho à minha filha, meu
esposo, amigos e professores que me deram
apoio incondicional para a concretização
desse sonho.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus que sempre está comigo em todos os momentos de minha vida e que me permite viver. Como diz Gonzaguinha: “A vida é bonita e é bonita. Viver e não ter vergonha de ser feliz. Viver é a beleza de ser um eterno aprendiz”.

Depois, agradecer à minha filha Isamara, que com muito amor e carinho me impulsiona a conquistar meus sonhos e de modo muito especial ao meu esposo Manoel, por compreender a minha ausência durante a execução deste estudo.

Aos professores do Mestrado Profissional em Ensino de Ciências e Matemática, pelas reflexões e norteamentos teóricos para com o campo do ensino de ciências.

Às minhas amigas Luzinéia, Murici, Railani, Josi e Mikaeli, que desde a graduação sempre me incentivaram no alcance dos meus objetivos.

Aos colegas da Turma MPECIM 2018, que além dos muitos momentos de aprendizado e troca de experiências durante as aulas, também proporcionaram boas risadas e força durante o percurso.

Agradecimento à colega de mestrado Amanda Moura, por quem tenho muita estima, pois com sua parceria e suas palavras de incentivo me levou a concretizar o trabalho.

À minha estimada professora e orientadora Prof^ª Dr^ª Francisca Estela Lima Freitas, que sempre acreditou em minha capacidade e me incentivou a ir mais longe. Por toda a paciência e ensinamento dispensados durante o desenvolvimento da pesquisa. Também agradeço ao Prof. Dr. Milton dos Santos Freitas, seu esposo, que auxiliou em vários momentos da escrita da dissertação. Aos dois, desejo manifestar minha grande admiração enquanto profissionais e também como seres humanos. Ambos exalam carisma e empatia que me contagiam.

Aos membros da banca examinadora, Prof. Dr. André Ricardo Ghidini, Prof. Dr. Antônio Igo Barreto Pereira e Prof^ª Dr^ª Irineide Ferraz Bezerra França, que tão gentilmente aceitaram participar e colaborar para este trabalho.

Profundo agradecimento a todos os estudantes matriculados na disciplina “A Sexualidade no Desenvolvimento humano”, que gentilmente aceitaram participar deste estudo, na condição de sujeitos da pesquisa, se dispondo a falar de suas experiências e vivências sobre a sexualidade, tornando possível a realização deste trabalho.

RESUMO

A sexualidade tem grande importância no desenvolvimento e na vida psíquica de todos os seres humanos, pois independentemente da potencialidade reprodutiva, está ligada com a busca do prazer, necessidade presente em todas as fases de nossas vidas, além de se constituir, segundo a Organização Mundial da Saúde, componente fundamental de nossa saúde global. Nessa perspectiva o Ministério da Educação propôs, dentro dos Parâmetros Curriculares Nacionais, que os temas abrangendo estudos sobre a sexualidade sejam oferecidos, dentro dos conteúdos escolares, segundo o modelo da transversalidade. Dessa forma, se faz necessária a capacitação dos professores dispostos a atuar na educação para a sexualidade, que esteja alicerçada no conhecimento específico e no cotidiano dos alunos. O objetivo geral desta pesquisa foi identificar, dentre os estudantes sujeitos da pesquisa, qual a importância da inclusão do ensino sobre sexualidade humana para a formação docente. Como objetivos específicos, avaliar o nível de conhecimento por eles apresentados com relação à sexualidade, como sua sexualidade é vivenciada, bem como que importância representam a família e a escola na formação da sexualidade das pessoas. Para a coleta de dados foram utilizados questionários semiestruturados nas fases de pré e pós-intervenção, bem como observação em campo e fotografias. Os dados foram analisados conforme proposto por Creswell (2014). No primeiro momento o estudo constatou que alguns dos alunos matriculados já chegaram na disciplina demonstrando algum nível de conhecimento sobre o conceito e a importância da sexualidade e do sexo, porém, com muitas potencialidades de evolução no aprendizado. No segundo momento, na análise pré e pós-intervenção, referente ao conceito de sexualidade e do sexo, foram identificados três grupos com diferentes conceitos de sexualidade. No que tange à evolução da concepção dos participantes referente à importância da sexualidade e do sexo, podemos considerar que houve evolução significativa, onde o estudo evidenciou três concepções sobre a importância da sexualidade. Sobre a palavra sexo, ficaram evidenciados dois grupos com concepções e evolução distintas. Quanto à participação da família e da escola na formação para sexualidade, no estudo foram identificados três grupos de participantes com reflexões e evolução distintas. Assim, o estudo evidenciou que os alunos de Licenciatura em Ciências Biológicas, matriculados na disciplina Sexualidade e Desenvolvimento Humano passaram de forma gradual de um estado de conhecimento a outro, indicando a importância da existência dessa disciplina, bem como a eficácia da aplicação dos conteúdos sobre sexualidade e metodologia ministrado nas aulas. Dessa forma, pode-se pensar em uma forma mais concreta de contribuir, no aprendizado e na prática docente, com a elaboração do produto educacional.

Palavras-chave: Sexualidade; Educação Sexual; Docente.

ABSTRACT

Sexuality has great importance in the development and psychic life of all human beings, for regardless of reproductive potentiality, it is linked to the search for pleasure, a need present in all phases of our lives. Besides that, according to the World Health Organization, it is a fundamental component of our global health. In this perspective, the Ministry of Education has proposed, within the National Curriculum Guidelines, that the themes covering studies on sexuality should be offered in the school subjects horizontally. Thus, it is necessary for the training of teachers willing to promote sexuality education, which is based on the specific knowledge and the students' everyday life. The general objective of this research was to identify, among the student subjects, the importance of including teaching about human sexuality in teacher training. As specific objectives, to evaluate the level of knowledge they presented regarding sexuality, how their sexuality is experienced, and the importance the family and the school represented in the formation of people's sexuality. For the process of data collection, one used semi-structured questionnaires used in the pre and post-intervention phases, as well as field observation and photographs. The data were analyzed as proposed by Creswell (2014). In the first moment, the study found that some of the students previously enrolled had already started the discipline demonstrating some level of knowledge about the concept and importance of sexuality and sex, however, with much potential for the progress in learning. In the second moment, in the pre and post-intervention analysis, referring to the concept of sexuality and sex, three groups with different concepts of sexuality were identified. Concerning the evolution of the participants' conceptions about the importance of sexuality and sex, we can consider that a significant evolution happened, where the study evidenced three conceptions about the importance of sexuality. About the word sex, two groups with distinct conceptions and evolution were evidenced. As for the participation of the family and the school in the formation of sexuality, the study identified three groups of participants with distinct reflections and evolution. Therefore, the study showed that the college students majoring in Biological Sciences enrolled in the discipline Sexuality and Human Development passed gradually from one state of knowledge to another, indicating the importance of the existence of this discipline, as well as the effectiveness of the application of the contents about sexuality and methodology taught in the classes. In this way, it is possible to think of a more concrete way to contribute, to the learning and teaching practice, with the elaboration of the educational purposes.

Keywords: Sexuality; Sex Education; Teacher.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Esquema utilizado para análise dos dados	36
Figura 2 - Temas e subtemas dos elementos da pesquisa.....	38
Figura 3 - Responsabilidade e Gravidez.....	61
Figura 4 - Gravidez na adolescencia.....	62
Figura 5 - Gravidez na adolescencia.....	62
Figura 6 - Utilização do Guia na prática docente	64
Figura 7 - Grau de inovação do produto educacional.....	65

LISTA DE QUADROS

QUADRI 1 – Evolução dos participantes da pesquisa sobre o conceito de sexualidade.....	53
QUADRI 2 – Evolução dos participantes da pesquisa a respeito do conceito de sexo.....	54
QUADRI 3 – Evolução dos participantes da pesquisa sobre a importância da sexualidade	55
QUADRI 4 – Evolução dos participantes da pesquisa sobre a importância do sexo.....	57
QUADRI 5 – Evolução dos participantes da pesquisa sobre a importância da participação da família e da escola na formação para sexualidade	59

LISTA DE ABREVIACOES E SIGLAS

AC	Acre
AIDS	Síndrome de Imunodeficiência Adquirida
ANPED	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
AT	Amplitude total
CCBN	Centro de Ciências Biológicas e da Natureza
CNE	Conselho Nacional de Educação
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
DP	Desvio Padrão
HIV	Vírus da Imunodeficiência humana
HPV	Papiloma Vírus Humano
IST's	Infecções Sexualmente Transmissíveis
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira
LGBTTQI Pessoas Intersexo	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Queers e
MEC	Ministério de Educação e Cultura
OMS	Organização Mundial de Saúde
PC	Conselho Pleno
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PIBID	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação  Docência
PNE	Plano Nacional de Educação
UFAC	Universidade Federal do Acre
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
2. SEXUALIDADE: ASPECTOS HISTÓRICOS	16
2.1. SEXUALIDADE E A EDUCAÇÃO SEXUAL	20
2.1.1. Importância de educar para sexualidade.....	22
2.2. PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS E A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR.....	23
3. FORMAÇÃO DE EDUCADORES SEXUAIS PARA O ENSINO COM SIGNIFICÂNCIA.....	25
3.1. CONTEXTUALIZAÇÃO DO ENSINO DE EDUCAÇÃO SEXUAL NO ACRE	28
4. OBJETIVOS	31
4.1. OBJETIVO GERAL.....	31
4.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS	31
5. PERCURSO METODOLÓGICO	32
5.1. CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO.....	32
5.2. SUJEITOS DA PESQUISA	32
5.3. TIPO DE ESTUDO.....	32
5.4. MÉTODO	34
5.5. ELABORAÇÃO DOS DADOS.....	35
5.6. ASPECTOS ÉTICOS	36
6. RESULTADOS E DISCUSSÃO	37
6.1. PROFESSORES EM FORMAÇÃO: SEUS CONCEITOS SOBRE SEXUALIDADE, SEXO E A SUA IMPORTÂNCIA NA VIDA DO SER HUMANO.....	38
6.1.1. Sexo: órgão sexual/biológico e identidade.....	38
6.1.2. Sexo: ato físico sexual.....	39
6.1.3. Sexo como parte integrante da sexualidade.....	40
6.1.4. Sexo e Sexualidade: um conceito distinto.....	41
6.1.5. Sexualidade e seus conceitos.....	42
6.1.6 A importância da sexualidade e do sexo na vida dos participantes da pesquisa.	45
6.2. PARTICIPAÇÃO FAMILIAR E ESCOLAR NA FORMAÇÃO PARA SEXUALIDADE DAS PESSOAS.....	46

6.2.1. Reflexões sobre a importância da participação da família e da escola na formação para sexualidade.....	47
6.3. SEXUALIDADE: EVOLUÇÃO DO CONHECIMENTO DOS PARTICIPANTES DO ESTUDO.	51
6.3.1. Produto educacional como resultado do ensino e aprendizagem	60
7. CONFEÇÃO E AVALIAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL.....	63
8. CONCLUSÕES.....	66
9. REFERÊNCIAS	68
10. APÊNDICES	72
APÊNDICE A – CONCEITO DE SEXO E SEXUALIDADE.....	72
APÊNDICE B – IMPORTANCIA DA SEXUALIDADE E DO SEXO	75
APÊNDICE C – PRODUO EDUCACIONAL	78
APÊNDICE D - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	94
APÊNDICE E – ROTEIRO DE QUESTIONÁRIO PRÉ-INTERVENÇÃO.....	96
APÊNDICE F – ROTEIRO DE QUESTIONÁRIO PÓS-INTERVENÇÃO	97
APÊNDICE G – FORMULÁRIO PARA AVALIAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL	98

1. INTRODUÇÃO

O ser humano, como ser social e sexual, deve estar sempre adquirindo aprendizagem, seja doméstica ou escolar, sobre sua sexualidade. Tal exigência decorre do fato de que a sexualidade humana representa um fenômeno de vital importância para o bem-estar do indivíduo, tendo em vista sua inerência com os fenômenos biopsicossociais que configuram a espécie humana (FURLANE, 2017).

A falta de abordagem da sexualidade no currículo escolar tem sido um importante fator no surgimento de problemas sociais. Braga (2018) aponta a violência de gênero, o alto índice de HIV/AIDS, as IST's, os altos índices de gravidez não planejada entre adolescentes e suas consequências, como parte desses problemas. Embora se tenha observado a ação do governo em prol da educação sexual, apenas 5% das escolas brasileiras incorporaram a educação sexual em seu currículo (FURLANE, 2017).

Na década de 90, ações do governo incluíram a temática da sexualidade nos PCN's, inserindo-a como tema transversal em toda educação básica. Para Figueiró (2014, p44) “a inserção da Educação Sexual nos PCN's implica, com urgência, a necessidade de estudos, reflexões, debates e pesquisas, sobretudo a respeito da formação do educador”.

Nesse sentido, pesquisas anteriores sobre formação docente e sexualidade focaram em três pontos principais: nas diretrizes para o currículo do ensino fundamental e metodologia de trabalho, tendo em vista ter sido observado que o baixo índice de abordagem de conteúdos sobre sexualidade se deve à falta da formação docente (TUKMANTEL, 2009); outros estudos se basearam nas experiências pessoais dos professores, revelando a concepção que muitos deles têm sobre a sexualidade e que os mesmos utilizam a falta de formação sobre o assunto como dificuldade de trabalhar com o tema, além de associarem a sexualidade com a ideia de pecado e proibição (PENA, 2015); também foi abordado o processo de Formação Inicial e Continuada dos professores e professoras do curso de Formação de Docentes. O estudo apontou que curso de formação docente não aborda, no seu currículo o tema sexualidade, com a profundidade necessária para educação emancipatória (GOMES, 2016).

O presente trabalho se baseia na premissa da necessidade de uma educação sexual que possibilite ao docente aprender e repassar aos seus alunos a compreensão

da sexualidade em suas dimensões biológica, psicológica e social. Que o docente possa diferenciar os diversos tipos de abordagem da sexualidade, como a religiosa, a emancipatória, a dos direitos humanos, a higienista e a da teoria *queer*, diferente, portanto, daquela educação habitual que não vê a sexualidade como parte integrante do ser humano como um todo.

Pelo conceito da Organização Mundial de Saúde (OMS, 1975):

“A sexualidade forma parte integral da personalidade de cada um. É uma necessidade básica e um aspecto do ser humano que não pode ser separado dos outros aspectos da vida. Sexualidade não é sinônimo de coito e não se limita à presença ou não do orgasmo. Sexualidade é muito mais do que isso, é energia que motiva encontrar o amor, o contato e a intimidade e se expressa na forma de sentir, na forma das pessoas tocarem e serem tocadas. A sexualidade influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações e tanto a saúde física como a mental. Se a saúde é um direito humano fundamental, saúde sexual também deveria ser considerada como um direito humano básico” (EGYPTO, 2012. p. 15).

Segundo esse entendimento, a educação sexual abrange todas as ações, definindo ou não o que se efetiva sobre o indivíduo, desde seu nascimento até sua morte, com influência direta ou indireta sobre suas atitudes, comportamentos, opiniões e valores ligados à sexualidade. Assim, os conhecimentos sobre sexualidade, adquiridos no âmbito escolar, devem envolver o raciocínio, tanto o individual quanto o coletivo. É essa prática que permitirá aos alunos se reconhecerem como sujeitos de sua sexualidade, com potencialidade de construir relações mais saudáveis e positivas, e hábeis para identificar possibilidade de intervir no curso de sua própria vida e da comunidade. A educação sexual deve ser realizada a fim de contribuir para o desenvolvimento integral da personalidade do ser humano e, por extensão, contribuir para sua qualidade de vida (FIGUEIRÓ, 2014).

A motivação de pesquisar o tema sexualidade surgiu quando ainda era estudante de graduação do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade, durante a oferta da disciplina Estágio e Experimentação. Na ocasião, orientada pela Professora Dra. Francisca Estela Lima Freitas, desenvolvi estudos e trabalhos nessa área, com a aplicação de oficinas educativas para alunos do Ensino Fundamental II de uma Escola Estadual de Rio Branco. Durante o exercício dessas atividades foi possível observar a existência de diversas dificuldades, principalmente as relacionadas ao baixo nível de

conhecimento dos alunos, que em sua maioria interpretava e utilizava, erroneamente, os termos sexualidade e sexo (vocábulo que identifica o sexo biológico e/ou a prática sexual) como sinônimos. Aliás, esse equívoco é encontrado até em textos que tratam sobre sexualidade, onde se encontra, com frequência, o uso do termo educação sexual para se referir à educação para a sexualidade. Diante desse cenário tive meu interesse despertado para a importância da formação de professores capacitados para abordagem da sexualidade no ambiente escolar, como única forma de oferecer à nossas crianças e jovens as orientações necessárias à vivência de uma sexualidade saudável.

Para tanto, nesta pesquisa, se buscou avaliar, entre os estudantes matriculados na disciplina optativa Sexualidade e Desenvolvimento Humano, oferecida no Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal do Acre, qual a importância para sua formação docente, a inclusão de conteúdos sobre sexualidade humana, bem como o nível de conhecimento por eles apresentados com relação ao tema. Diante desta conjuntura surgiram alguns questionamentos a serem levantados entre os sujeitos da pesquisa, tais como: quais os conceitos sobre a sexualidade e o sexo? Qual a percepção sobre a necessidade da participação da escola na educação sobre sexualidade? Como descrevem as abordagens da sexualidade humana vivenciada por eles?

2. SEXUALIDADE: ASPECTOS HISTÓRICOS

Ao analisar a sexualidade ao longo da História, Foucault (2018) localizou no Período Paleolítico (10.000 AC) a existência de um poder matriarcal, no qual surgiram a ideia de família e também o primeiro tabu da humanidade, o incesto. Já durante o Neolítico (9.000 AC) houve a mudança de regime, com a instalação do poder patriarcal, momento em que aparecem as primeiras formas de religião. A partir da Idade Média, no Século XII, a mulher começou a perder espaço, sob a influência da visão Aristotélica adotada pela Igreja e pelas doutrinas de São Paulo, Santo Agostinho e São Tomaz de Aquino. Sob essas influências passaram a vigorar uma série de exigências relativas às práticas sexuais, como o sexo somente heterossexual, no casamento, com finalidade reprodutiva, com os dias das relações sexuais previamente marcados e sem demonstração de paixão entre os cônjuges. Nasceram os pecados contra o corpo: a prostituição, o

adultério, a homossexualidade, o autoerotismo. A culpa é instalada no imaginário popular, assim como o medo do Inferno. Mesmo assim, as práticas sexuais continuaram fazendo parte do cotidiano da população (FOUCAULT, 2018).

Durante a Idade Moderna surgiu o Puritanismo, de orientação Calvinista, onde se buscou o predomínio do autocontrole, da constância, da firmeza do sentimento e menos emoção, visando, dessa forma, modificar o comportamento desregrado e oscilante, numa tentativa de integrar sensualidade e espiritualidade, com predomínio do caráter ascético. Não havia espaço para a sensualidade e o prazer sexual. O que se observava era uma desvalorização do corpo e da sensibilidade para alcançar a plenitude moral. Assim, o sexo também seria desprovido de prazer (FOUCAULT, 2018).

Na Idade Contemporânea, época do reinado da Rainha Vitória, na Inglaterra do Século XVII, o comportamento sexual da sociedade ocorria de forma espontânea e as práticas sexuais eram libertinas, até que uma nova ética sexual surgiu, penetrando lentamente os ideais do cristianismo de virgindade, castidade, austeridade e importância do vínculo matrimonial. De acordo com Garton, (2004), o Período Vitoriano ocupou um lugar central na cultura popular como período de austeridade, repressão e rigidez sexual excessiva. Para o historiador, a sexualidade vitoriana foi referência como período de moralismo puritano, uma reação contra a libertinagem aristocrática que favorecia o desenvolvimento de um submundo sexual. Esse Período, que se estendeu de junho de 1837 a janeiro de 1901, mesmo diante de um desenvolvimento econômico acelerado, se caracterizou, segundo Foucault (2018), por uma forte submissão feminina, a ocorrência de elevadas taxas de natalidade e de matrimônios precoces, com rigidez de costumes e a prática de um moralismo social e sexual que envolvia disciplina, preconceito e fortes proibições. Nesse cenário, a sexualidade dos indivíduos era muda, contida, hipócrita.

Ainda segundo Foucault (2018), a proliferação dos discursos oriundos da escola, da Igreja, da família e dos consultórios não visava a proibição ou a redução da prática sexual, mas sim o controle do indivíduo e da população. Discursos não visando abordar o sexo como uma coisa a ser tolerada, mas a ser gerida e inserida para o bem de todos; fazê-lo funcionar. “O sexo não se julga apenas, mas administra-se”. Regula-se o sexo, mas não pela proibição e sim por meio de discursos úteis, visando fortalecer e aumentar a potência do Estado como um todo. Diante desse contexto Foucault (2018) elaborou a Hipótese Repressiva - a negação da repressão - onde “a afirmação de uma sexualidade reprimida é acompanhada de um discurso destinado a dizer a verdade sobre o sexo”. Para

Foucault (2018), a hipótese repressiva foi um ponto de partida crítico para investigação da explosão sexual do século XIX. Nesse discurso ele considera a sexualidade o domínio principal para descoberta do Eu nas civilizações ocidentais. Ao contrário de reprimirem o sexo, os vitorianos inventaram a sexualidade.

Foi então, a partir do início do Século XIX, que a sexualidade começou a ser argumentada cientificamente por profissionais da medicina, quando esta passou a estudar o sexo segundo o modelo utilizado pela Igreja: o confessorário. Surgiu então a *Scientia Sexualis* (Ciência Sexual), definida como o corpo de conhecimento construído por dados coletados pelos médicos da época. Os dados obtidos eram relatados por pacientes por meio de entrevistas, cartas, autobiografia sobre pensamentos, crimes, sonhos, infância e sexo (FOUCAULT, 2018).

Portanto, a higiene (medicalização), assim como a Igreja, continuou a reprimir o prazer gratuito e sem compromisso com a procriação, pois para a Igreja a procriação era um dever para com Deus, enquanto a higiene era um dever para com o Estado. Tais premissas tinham como objetivo fazer com que a mulher não cometesse adultério e nem o onanismo e limitasse o homem somente à prática heterossexual e no casamento, no intuito de, assim, combater a prostituição. Desse modo, os principais objetivos da medicalização do sexo eram a garantia da solidez da família e a proteção da prole, o que obrigava a necessidade de vincular o sexo ao amor para conseguirem impor as normas higiênicas relacionadas ao sexo. Nesse contexto, as práticas sexuais que antes eram vistas como pecado pela Igreja passaram também a ser encaradas como doença, segundo a medicalização do sexo. Essa prática médica, com política higienista e biológica, passou a exercer um controle sobre a vida social e sexual das pessoas, propondo-se a assegurar o vigor físico e a pureza moral do indivíduo (FIGUEIRÓ, 2009).

A sexualidade humana se constitui num fenômeno complexo que, para Furlani (2011), está composta por diversos aspectos, físicos, sociais e psicológicos e compreende, além do corpo, os costumes, as histórias, a religião e a cultura de uma sociedade. Sendo assim, a sexualidade consiste em uma dimensão humana e, portanto, estará presente em todas as fases da vida, demonstrando mecanismos próprios de manifestação, significação e vivência pessoal. Bonfim (2012), por sua vez, a considera um dos aspectos centrais da vida, de vez que envolve papéis e orientação sexual, erotismo, sexo, prazer, além de comprometimento emocional, amor e reprodução.

Foucault (2018), alertou para o fato de que a sexualidade não se apresenta como um impulso rebelde, de natureza estranha e indócil, mas sim, um lugar de passagem pelas relações de poder entre as pessoas, homens e mulheres, jovens e idosos, pais e filhos, educadores e alunos, padres e leigos e entre administração e população. Nessas relações de poder a sexualidade não representa o elemento mais rígido, porém um dos dotados de maior instrumentalidade. Para Foucault (2018), a sexualidade pode ser apresentada como um dispositivo histórico, ou seja, pode ser considerada como uma criação social, pois se constitui a partir de vários discursos sobre o sexo, discursos esses que regulam, normatizam, estabelecem saberes e produzem verdades.

Para Costa (2005, p. 7) “a sexualidade se refere ao conjunto de fenômenos da vida sexual, sendo o aspecto central de nossa personalidade. É por meio dela que nos relacionamos com os outros, amamos, obtemos prazer e nos reproduzimos. No entanto, a sexualidade não se restringe exclusivamente à vida sexual, mas sim a uma visão mais ampla do ser humano, que envolve seus aspectos biológico, psicológico e social”.

Atualmente, vivemos a era da informação, da tecnologia. O acesso à informação é fácil e rápido, embora nem sempre seguro, e a sexualidade ainda é vista por muitos como um tabu, associada somente ao ato sexual. É necessário entendermos o que é a sexualidade. Foucault (2018, p.101), definiu a sexualidade como:

[...] o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder.

O autor nos chama para um olhar diferenciado para sexualidade, pautado numa visão de que a sexualidade é um fenômeno histórico-cultural e político, e não médico/higienista/biologista, como antes. Nesse contexto, Figueiró (2009 p. 189) apontou a diferenciação entre sexo e sexualidade: “a sexualidade é elemento integrante de nossa identidade e envolve o amor, o prazer, o toque, o sexo, a afetividade, o carinho, os gestos, o respeito, a alegria de viver e o conjunto das normas culturais relacionadas à prática sexual. O sexo, por sua vez, diz respeito ao ato sexual em si”.

2.1. SEXUALIDADE E A EDUCAÇÃO SEXUAL

De acordo com Furlani (2017), os humanos são seres sociais e também sexuais, em suas interações, estão sempre adquirindo aprendizagem sobre sua sexualidade, seja no ambiente doméstico ou escolar, a sexualidade humana representa um fenômeno de vital importância para o bem-estar do indivíduo, tendo em vista sua inerência com os fenômenos biopsicossociais que configuram a espécie humana. Presença de abordagem de conteúdo sobre sexualidade no currículo escolar pode ser um importante aliado na prevenção de problemas sociais. Braga (2018) aponta a violência de gênero, o alto índice de HIV/AIDS, as IST's, os altos índices de gravidez não planejada entre adolescentes e suas consequências, como parte desses problemas. Embora se tenha observado a ação do governo em prol da educação sexual, apenas 5% das escolas brasileiras incorporaram a educação sexual em seu currículo (FURLANE, 2017). Diante desse cenário, a partir da década de 90, ações do governo incluíram a temática da sexualidade nos PCN's, inserindo-a como tema transversal em toda educação básica. "A inserção da educação sexual nos PCN's implica, com urgência, a necessidade de estudos, reflexões, debates e pesquisas, sobretudo a respeito da formação do educador" (FIGUEIRÓ 2014. p. 44).

Pesquisas anteriormente realizadas sobre formação docente e sexualidade atentaram para três pontos principais: as diretrizes para o currículo do ensino fundamental e a metodologia de trabalho, tendo em vista ter sido observado que o baixo índice de abordagem de conteúdos sobre sexualidade se deve à falta da formação docente (TUKMANTEL, 2009); as experiências pessoais dos professores, que revelaram a concepção que muitos deles têm sobre a sexualidade e que os mesmos utilizam a falta de formação sobre o assunto como dificuldade para trabalhar com o tema, além de associarem a sexualidade com a ideia de pecado e proibição (PENA, 2015); também foi abordado o processo de formação inicial e continuada dos professores e professoras do Curso de Formação de Docentes, que revelou que o curso não aborda a sexualidade com a profundidade necessária a uma educação emancipatória (GOMES, 2016).

Nesse entendimento, a educação sexual abrange todas as ações, definindo ou não o que se efetiva sobre o indivíduo, desde seu nascimento até sua morte, com influência direta ou indireta sobre suas atitudes, comportamentos, opiniões e valores ligados à sexualidade. Assim, os conhecimentos sobre sexualidade adquiridos no âmbito escolar, devem envolver o raciocínio, tanto o individual quanto o coletivo. É essa prática

que permitirá aos alunos se reconhecerem como sujeitos de sua sexualidade, com potencialidade de construir relações mais saudáveis e positivas e hábeis para identificar possibilidade de intervir no curso de sua própria vida e da comunidade. A educação sexual deve ser realizada a fim de contribuir para o desenvolvimento integral da personalidade do ser humano e, por extensão, contribuir para sua qualidade de vida (FIGUEIRÓ, 2014).

A educação sexual deve ser o item central das análises humanas, porque a sexualidade está presente na vida de todas as pessoas, desde o nascimento até morte. A educação sexual acontece constantemente, de várias as formas. A todo o momento estamos passando educação sexual, seja em casa, quando mostramos nossa postura ou opiniões, seja por meio da mídia, assistindo programas de televisão, por redes sociais e até quando não falamos de sexo estamos educando (EGYPTO 2012).

Freitas (2012) apontou dois caminhos de educação sexual, a educação não intencional e a educação intencional: a educação sexual não intencional, a que acontece no dia a dia, em nossas relações do cotidiano e pelas quais desempenhamos os valores transmitidos pela cultura vivenciada e da educação sexual que se constitui nela. Este tipo de educação se realiza através de palavras, atitudes intencionais ou olhares, que pode retratar o que não falamos. Já a educação sexual intencional é um trabalho formal com intenção, onde os educadores têm clareza de a estarem realizando, como também a conduzem. Pode acontecer no âmbito familiar, quando a família tem clareza dos valores que quer constituir com sua prole; ou no ensino escolar, onde o trabalho é realizado com objetivos claros a atingir, com metodologias definidas e professores qualificados.

Para melhor esclarecer a diferença entre a educação sexual não intencional e a educação sexual intencional podemos ter como exemplo:

Uma mãe que bate no rosto de seu filho porque este lhe perguntou o que era ser homossexual. De forma não intencional, ela fez um trabalho de educação sexual com o menino quando lhe bateu no rosto. Ela ensinou-lhe, por exemplo, que ele não pode confiar nela nem lhe fazer perguntas sobre tema ligado à sexualidade, ou ainda, que a homossexualidade é uma coisa feia e sobre o qual não se deve falar. Se a mãe resolve fazer um trabalho intencional de educação sexual, ela poderia, por exemplo, sentar com seu filho e encontrar uma forma tranquila, afetuosa e muito simples de lhe explicar que os homossexuais são as pessoas que amam as pessoas do mesmo sexo que o seu. [...] dizendo que na nossa sociedade ainda há pessoas que tem dificuldade para aceitar isso (FREITAS, 2012. p. 48).

Dessa forma vale a pena abordar a diferença entre educação sexual e orientação sexual. “A educação sexual inclui todo processo informal pelo qual aprendemos sobre sexualidade no decorrer da vida, seja pela família, religião, comunidade, livros ou mídia”. Já a orientação sexual tem como foco as dimensões básicas do ser humano. Ou seja, “a orientação sexual fornece informações sobre sexualidade de modo reflexivo, numa revisão de postura, tabus, crenças e valores a respeito de relacionamentos e comportamentos sociais” (EGYPTO, 2012. p. 42).

A educação sexual na escola, não é de hoje, tem despertado muito debate e ainda não se constitui uma unanimidade. Muitas famílias, influenciadas pelos mais diversos fatores, principalmente os de origem religiosa, acreditam que tal abordagem pode despertar e/ou estimular, de forma precoce, o interesse das crianças pelo sexo. Tais objeções são observadas inclusive dentro das próprias escolas, onde o corpo docente e/ou o diretivo se opõem à abordagem da sexualidade, obstruindo assim as possibilidades de ensino e pesquisa nessa área do conhecimento.

Para o educador, trabalhar sexualidade com crianças e adolescentes implica numa desconstrução do interior, na superação de preconceitos e estereótipos, num olhar com reflexão sobre a própria sexualidade e no gerenciamento de tabus, medos e vergonhas. Portanto, de uma forma ou de outra, todos tivemos educação sexual e continuaremos a ter sempre. Porém, que seja uma educação sexual que respeite os direitos humanos e os sexuais, já que muitas pessoas são excluídas pelo seu gênero, raça, etnia, condição física, orientação sexual, nacionalidade etc., considerando ser a sexualidade inerente aos seres humanos em suas dimensões básicas.

2.1.1. Importância de educar para sexualidade

A educação sexual é de grande importância na vida de todos nós. A pessoa que tem oportunidade de vivenciar o aprendizado sobre sexualidade aprende, entre tantos, que a sexualidade nos ajuda: a conhecer melhor a nós mesmos e ao nosso corpo; desenvolver a afetividade e respeito ao outro; cuidar da nossa saúde física, mental, sexual e reprodutiva; a nos comunicar melhor com as pessoas, em todas as suas fases de vida; a estabelecer contatos mais prazerosos e conversar com o parceiro.

O discente passa a compreender a sexualidade em suas dimensões biológica, psicológica e social. Para Costa (2005), essas dimensões estão inter-relacionadas e inseparáveis, pois envolve o ser humano em sua plenitude. O autor considera que:

Abordagem biológica compreende o corpo físico que sente, vê e é visto; a psicológica compreende a nossa mente, o psiquismo, as emoções, afetos, fantasias e os sonhos; já a dimensão social é o mundo que nos rodeia, povoado com outros seres [...].

Considerando essas dimensões Braga (2018) apontou, no contexto brasileiro, a importância da inserção da temática nas escolas: alto índice de violências decorrentes das desigualdades de gênero, que afetam profundamente as mulheres, crianças, gays, lésbicas, travestis, transexuais e intersexuais, além do alto índice de HIV/AIDS, as Infecções Sexualmente Transmissíveis e o alto índice de gravidez não planejada entre adolescentes e suas inevitáveis consequências para as mães e suas famílias.

Para Egypto (2012) a educação sexual pretende evitar problemas com a gravidez não planejada na adolescência, além de auxiliar na prevenção de doenças, da promoção de saúde e no esclarecimento dos direitos ao prazer. Costa (2005 p. 7) acrescenta: “a sexualidade é o aspecto central de nossa personalidade é por meio dela que nos relacionamos com os outros, amamos, obtemos prazer e nos reproduzimos”.

Portanto, educar para sexualidade pode fazer parte de estratégias capazes de superar os desafios atuais, no que diz respeito à promoção da igualdade e equidade de gênero, ao enfrentamento de violências baseadas nas diferenças étnico-raciais, assim como àquelas relacionadas à orientação sexual e à identidade de gênero.

2.2. PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS E A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR

No início do século XXI, presenciamos que a educação sexual emerge ocupando uma nova posição na educação brasileira. Este espaço é aberto por meio dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) que insere, por meio dos temas transversais, o ensino da sexualidade, legitimando a escola como espaço onde a sexualidade pode ser abordada (BONFIM, 2012).

Nesse sentido, a educação sexual na escola, aliada aos outros temas transversais propostos nos PCN's, auxilia na formação da cidadania, alicerce desafiante para escola contemporânea. A educação sexual escolar pode ser compreendida como ação pedagógica que favorece a reflexão sobre a sexualidade, problematizando os temas polêmicos, favorecendo ampla liberdade de expressão em um ambiente acolhedor (EGYPTO, 2012).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento que define qual o aprendizado essencial que todos os alunos têm direito de adquirir ao longo da educação básica. Considerando a educação sexual a BNCC, reformulada em 2018, vem com supressão na educação sexual. Estudo realizado por Junior (2018) em Salvador, Bahia, onde se efetuou a análise das questões de gênero, sexualidade e orientação sexual na atual BNCC (ou sua omissão) e as consequências diretas sobre os sujeitos do movimento LGBTTQI's, apontou que, nas edições anteriores da BNCC, havia uma busca pela garantia de uma educação para diversidade. Entretanto, com a reforma, a nova publicação da mesma apresentou um retrocesso na temática. Para o autor, há o desejo de uma nova avaliação do atual cenário político, com o propósito de identificar os caminhos da participação da sociedade na busca da revisão deste retrocesso, concluindo que há necessidade deste enfrentamento para garantir a diversidade e o respeito às diferenças. Para Bonfim (2012), há necessidade de uma política voltada para sexualidade, que desenvolva um programa de forma contínua de educação sexual crítica, que conscientize, e que desenvolva valores éticos, a compreensão da vivência da sexualidade em sua totalidade considerando sua construção, histórica, política, social e cultural.

De modo muito tímido, a BNCC aponta dentro das suas competências gerais, no campo sócio emocional, as competências onde se pode aplicar o ensino da sexualidade nas abordagens: emancipatória, dos direitos humanos e na abordagem biológica – higienista, inserida nos currículos. As competências são:

7. Argumentação - capacidade do estudante argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao **cuidado de si mesmo, dos outros** e do planeta.
8. Autoconhecimento e autocuidado - o estudante é capaz de **conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas**

emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.

9. Empatia e cooperação - o estudante é capaz de exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, **fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos** e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, **sem preconceitos de qualquer natureza** (Base Comum Curricular, 2015. p. 9 e 10)

Diante dessas competências, para alcançar os objetivos proposto na BNCC, o professor deve ir além do seu currículo, penetrar em outras áreas de conhecimento às quais ele nem sempre está familiarizado, o que vem a se constituir em mais um elemento a dificultar o ensino da sexualidade.

Portanto, embora a BNCC não contemple, de forma satisfatória, a temática da sexualidade no currículo, as discussões podem ser sustentadas pelos PCN's, e também, pela Constituição Brasileira (1988), pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (1996) e pela Lei Maria da Penha (2006). Por isso, compreende-se que todas as tentativas de limitar esses debates são inconstitucionais, porque infringem os princípios da não discriminação e da liberdade de aprender e ensinar.

3. FORMAÇÃO DE EDUCADORES SEXUAIS PARA O ENSINO COM SIGNIFICÂNCIA

Para encarar o desafio das questões de sexualidade na escola e na vida pessoal, os professores devem se dedicar ao estudo; quem for atrás de estudar, trabalhar, se dedicar, se apaixonará. Tudo isso aliado com emoção, envolvimento, participação, projeto de mudança e superação de arcaísmo que pode estar em qualquer lugar (EGYPTO, 2012).

Para Figueiró (2014), antes de trabalhar a formação de educadores sexuais é preciso conhecê-los, saber o que pensam sobre a educação sexual, para então trabalhar considerando seus conhecimentos, ideias, opiniões, experiências e necessidades.

Nesse sentido, Silva (2010), aplicou questionário para professores atuantes e para os futuros. Traçando o perfil desses profissionais, procurou analisar suas condições reais para o desempenho como educador sexual. A análise dos dados levou à constatação da existência de três categorias de sexualidade:

- A sexualidade ausente ou negada defende que a sexualidade esteja ausente ou não apareça nas relações sociais, no cotidiano das escolas, em sala de aula ou na formação dos professores;
- Sexualidade proclamada aponta o que deve ser tratado sobre educação sexual ou orientação sexual nos cursos de pedagogia, linha que se faz emancipatória, no entanto é conservadora;
- Por fim a sexualidade idealizada, a qual não aceita a atual realidade do ensino sobre sexualidade e orientação sexual, com suas contradições, conflitos e problemas (SILVA, 2010. p. 95).

Antes disso Tuckmantel (2009), visando estabelecer diretrizes para o currículo do ensino fundamental e para as ações políticas no campo da educação, desenvolveu pesquisa a partir de observação do participante, de entrevista e análise de documento. Segundo os resultados obtidos a autora identificou que:

- Os professores de até trinta anos (30) tiveram maior número de informações referentes à sexualidade, mais qualificada se comparados com os professores com mais de quarenta e cinco anos (45) de idade;
- O professor não tem dimensão da sua própria representação da sexualidade, e que necessitam de estratégia de ensino para ministrar aula sobre sexualidade;
- O professor precisa que diversas condições seja assegurada, e que as aulas sobre sexualidade não precisariam ocorrer diariamente, basta uma vez a cada quinze dias, além de trabalhar os conteúdos o professor também deve trabalhar as atitudes e a conscientização do porquê estudar sexualidade;
- O professor deve passar por processo de formação e participar de grupos de pesquisa sobre sexualidade baseado no Construcionismo Histórico (TUKMANTEL, 2009).

A pesquisadora concluiu ser significativo o número de professores com má formação e munidos de muitos preconceitos, fatores esses capazes de ocasionar danos à subjetividade dos alunos; a criação de uma disciplina voltada para essa área ajudará tanto o processo de formação do professor como também do aluno; é de muita significância o apoio de todo o corpo escolar num processo de reeducação sexual, para oportunizar um novo pensar, sentimentos, mitos, angústias e medo da própria sexualidade, para a partir daí inovar com os alunos.

Pena (2015) desenvolveu em Brasília, no ano de 2015, pesquisa na qual investigou: a importância das experiências pessoais dos professores estudantes em sua atuação em sala de aula; o ponto de vista do professor em relação à sexualidade; o desafio de trabalhar a temática em sala de aula; reconhecer a rememoração no desenvolvimento da educação sexual, enquanto estudava o ensino fundamental e

médio até o superior, estabelecendo uma relação desse momento com a sua vivência pedagógica. Objetivando analisar como uma proposta de formação continuada, apoiada em uma prática reflexiva e tendo como aporte teórico-metodológico as narrativas autobiográficas, poderia contribuir com o processo de formação de professores de Ciências Naturais e Biologia em Educação Sexual. Os resultados destacaram que os professores utilizam a falta de formação sobre sexualidade como dificuldade de trabalhar com o tema; os professores associam a sexualidade com a ideia do pecado e do proibido; os principais desafios citados pelos professores faziam referência à reação dos pais, aos diversos entendimentos que discussões sobre o tema poderiam causar, a interação do professor com os alunos e o possível conflito entre os valores dos professores e alunos.

Em pesquisa realizada por Gomes (2016), na qual objetivou conhecer sobre o processo de formação em sexualidade para as/os professoras (es) do Curso de Formação de Docentes, permitiu concluir que:

O curso de formação docente não abordou, no seu currículo, a categoria sexualidade com a profundidade necessária para educação emancipatória, ou seja, aquela que se caracteriza em se perceber a educação sexual o compromisso com a transformação social, com as discussões das questões que envolve as questões de poder. Aceitação, respeito as diferenças. Então não há fundamentação no tocante a sexualidade para [...] os/as professores/as do curso de formação de docentes (GOMES, 2016).

A pesquisa mostrou que é de suma importância a Educação Sexual na formação inicial dos licenciados para melhor desempenho dos futuros professores em sala de aula.

De modo geral, o que se constata de comum nos estudos supramencionados é o apontamento feito pelos pesquisadores da necessidade de preparação específica para a educação da sexualidade.

Para Ribeiro (1999), é necessário formar professores para metodologia de trabalho voltada para projeto educacional sobre sexualidade e prevenção das IST's, do abuso sexual, da gravidez não planejada e de outros desafios enfrentados pelos jovens. Portanto, o professor deve estar bem preparado, é preciso desenvolver habilidades comportamentais e conhecimento específico para responder às necessidades das crianças e dos adolescentes. O autor considera que, na metodologia do trabalho com o professor, é necessário que ele passe pelo mesmo processo que irá realizar com seus alunos.

Iniciando com sua disposição interna para essa questão, na sequência aprender a conduzir as aulas, desprovido do autoritarismo com seus alunos. Estimular a participação de atividades criativas e levantar questões que ajudem o aluno a agir em situação de risco. O professor deve, ainda, estudar a sexualidade da pessoa adulta, adolescente e crianças.

Quanto ao conteúdo, o professor deve incluir: conhecimento sobre o corpo físico, emocional e intelectual; trabalhar as questões familiares e sociais; desenvolver as habilidades dos alunos para o comportamento preventivo, procurando ouvi-los; o educador sexual deve despertar atitudes positivas e respeitadas com relação a crenças, sentimentos e valores relacionados com a iniciação sexual; quanto à saúde sexual, aprender sobre métodos contraceptivos, abuso sexual e práticas de sexo seguro (RIBEIRO, 1999). Tudo isso aliado a uma didática com dramatização, dinâmicas que levem à reflexão, técnicas participativas que gerem discussão e trocas de ideias, estudo de caso, música, dança e os fantoches.

Nesse sentido, de acordo com a resolução nº 2 de 1º de julho de 2015, definidora das Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial e formação continuada de professores e professoras (MEC, 2021), o projeto de formação deve ser elaborado e desenvolvido por meio da articulação entre a instituição de educação superior e o sistema de educação básica. Essa formação deve contemplar: as questões socioambientais, éticas, estéticas e relativas à diversidade étnico-racial, de gênero, sexual, religiosa, de faixa geracional e sociocultural como princípios de equidade. Porém, em 20 de dezembro de 2019, o Conselho Nacional de Educação/PC aprova uma nova resolução nº 2, na qual na formação dos professores e professoras não contempla questões de diversidade de gênero, sexual, de faixa geracional e sociocultural como princípios de equidade. O que torna um retrocesso no currículo e na formação de professores e professoras no Brasil.

3.1. CONTEXTUALIZAÇÃO DO ENSINO DE EDUCAÇÃO SEXUAL NO ACRE

O ensino de educação sexual intencional no Brasil ainda não se desenvolveu com amplitude suficiente para alcançar todas as escolas e como mostrou Furlani (2011, p. 131), pesquisa realizada pelo Ministério da Saúde apontou que “a educação sexual atinge somente 5,5% das escolas”. Para ela, essa ausência tem origem no evidente despreparo dos professores e pela persistência de uma cultura sexista, que fazem com que a falta de ensino e aprendizagem da sexualidade com significância resulte num impacto negativo

na formação pessoal e social dos jovens, proporcionando a ocorrência de elevados índices de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST's), gravidez na adolescência, abuso sexual infantil e gravidez não planejada (FURLANI, 2017).

Nascimento et al. (2013), por sua vez, realizaram um estudo que abrangeu 17 escolas da rede municipal de ensino no Estado do Piauí, cujo enfoque esteve voltado para a problemática do Papiloma Vírus Humano (HPV) e para a importância e o desempenho das escolas. Os dados foram coletados por meio de questionários aplicados entre os sujeitos da pesquisa, contendo 14 questões abordando o conhecimento geral sobre as IST's. Os resultados revelaram que a maioria dos entrevistados não detinham um nível de conhecimento satisfatório sobre essa doença e que as escolas em questão não estavam correspondendo às expectativas que lhes eram atribuídas pela sociedade, representadas pelo desenvolvimento de projetos e ações formativas e informativas abordando a saúde preventiva, a sexualidade e a orientação sexual.

Esta realidade é também percebida no Acre, estado onde, quando existe alguma informação no que se refere à educação para a sexualidade, seja a partir do ambiente familiar, seja do escolar, ela não é oferecida de forma aprofundada a tal ponto que consiga transformar o comportamento do aluno, mostrando-se assim, ineficaz.

É com muita frequência que os acreanos acompanham em meios de comunicação matérias de denúncias e flagrantes de abusos sexuais. Nesse sentido, a Fundação Abrinq¹, ao pesquisar as ocorrências de denúncias registradas pelo Disque Direitos Humanos, disque 100, a nível nacional, constatou que o Acre, em 2015, foi o segundo estado do Brasil com o maior número de denúncias de violência sexual contra crianças e adolescentes do sexo feminino, que apontaram percentuais de 94,7 % casos de exploração sexual e 40% de violência física. Em menos de seis meses, nesse mesmo ano, a delegacia de Cruzeiro do Sul registrou 15 casos de estupro (MEL, 2018).

Em 2016, mais de 70 casos de violência sexual infantil foram denunciados pelo Disque 100 no Acre. Nesse sentido Ribeiro (1999), considerou que o nosso papel principal diante de crianças e adolescentes abusados sexualmente ou fisicamente é de prevenção, proteção, educação e atitude voltadas para a eliminação desse círculo vicioso.

No município de Rio Branco (FREITAS, 2016), visando identificar o nível de conhecimento manifestado pelas adolescentes grávidas com relação à anatomia e à

¹ Fundação Abrinq: fundação que combate a violência e o trabalho infantil. Disponível em: <https://www.fadc.org.br/>. Acessado 20 de março 2020.

fisiologia genital, bem como o relacionamento com a sexualidade, desenvolveu-se um estudo envolvendo 30 jovens acreanas de até 15 anos de idade, internadas na Maternidade Barbara Heliodora por ocasião do parto, abrangendo o período de julho a dezembro de 2013. A pesquisa foi realizada com base na aplicação de questionário e na exibição de modelos anatômicos da genitália feminina.

Os resultados colhidos pela autora revelaram uma elevada prevalência de gravidez entre as adolescentes, de cerca de 53,3% para a faixa entre 12 e 14 anos de idade e de 46,7% entre as de 15 anos. Com relação ao autoconhecimento do corpo compreendendo a genitália, 2 (6,6%) conseguiram identificar o clitóris e o hímen apenas 1 (3,3%) delas identificou. Todas desconheciam a função dos ovários e do útero e apenas 2 (6,6%) revelaram conhecimento em relação ao período fértil, a partir de orientação da mãe e da escola. Com relação ao conhecimento sobre a sexualidade, 18 (60,0%) a consideravam como sinônimo de sexo, com a idade da primeira relação ocorrendo entre os 11 e os 14 anos. Vinte e quatro das participantes (80,0%) não sofreram qualquer forma de pressão do parceiro em relação à gravidez, mesmo percentual observado para as primigestas. Para 19 das adolescentes (63,4%) a gravidez era indesejada e 4 (13,3%) delas foram vítimas de abuso sexual cometido por familiares. O estudo relatou ainda que as adolescentes pertenciam às classes menos favorecidas do município, oriundas, portanto, de famílias que não dispunham das condições mínimas necessárias para a manutenção de um padrão de vida de qualidade. (FREITAS, 2016).

Ao realizar a análise dos dados alcançados a autora considerou ser de extrema importância o conhecimento e a identificação correta dos órgãos reprodutivos, já que o nível adequado de aprendizagem sobre esses órgãos propicia a prática de medidas preventivas eficazes e a vivência de uma sexualidade saudável das jovens mães, além do que, de posse desses dados, é possível elaborar estratégias de aquisição de conhecimentos preventivos e de planejamento familiar, que possam ter significância na vida das jovens.

Assim sendo, uma aprendizagem com significância corresponde a um ensino que influencie e transforme positivamente a vida dos alunos, com reflexões contemplando e valorizando a melhoria da sua qualidade de vida. Neste sentido, Bonfim (2012) considera que a educação sexual, aliada a outros fatores, pode contribuir para a diminuição dos índices de gravidez na adolescência e a redução de IST's entre os jovens, assumindo uma posição firme quando afirma que:

Diante de uma sociedade capitalista em que os meios de comunicação, especialmente a TV e a *internet*, induzem à erotização precoce, estabelecem novos padrões de relacionamentos e ditam comportamentos sexuais, não podemos mais ignorar a problemática que se desenvolve em torno da sexualidade (BONFIM, 2012).

Portanto, se a família não tem proporcionado às crianças, adolescentes e aos jovens a formação e o discernimento sobre a sexualidade, consideramos que a escola não pode agir da mesma forma, ignorando tantos problemas sociais decorrentes da falta de uma educação sexual emancipatória e comprometida com o bem-estar do ser humano.

4. OBJETIVOS

4.1. OBJETIVO GERAL

Avaliar, entre os estudantes sujeitos da pesquisa, o nível de conhecimento por eles apresentados com relação à sexualidade, bem como que importância representa, para sua formação, a inclusão de conteúdos concernentes ao tema.

4.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Avaliar o nível de conhecimento apresentado pelos estudantes a respeito da sexualidade humana;
- Conhecer qual a importância da sexualidade e do sexo na vida dos estudantes sujeitos da pesquisa;
- Descrever qual a percepção manifestada pelos estudantes com relação à participação da família e da escola na educação para a sexualidade;
- Propor estratégia pedagógica no sentido de contribuir para a formação dos alunos do ensino fundamental e médio no que se refere à sexualidade.

5. PERCURSO METODOLÓGICO

5.1. CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

O presente estudo foi desenvolvido na Universidade Federal do Acre, no *Campus* localizado no km 4 da Rodovia BR364, na cidade de Rio Branco, capital do Estado do Acre. Trata-se de uma Instituição pública de ensino superior e que possui, em sua unidade de Rio Branco, trinta e quatro cursos de graduação, sendo dezenove deles de licenciatura, voltados, portanto, para a formação de professores, dentre os quais o Curso de Ciências Biológicas, cujos alunos do sétimo período foram os sujeitos desta pesquisa.

Tal decisão se baseou no fato de que o Curso possui, em sua estrutura curricular, a disciplina optativa Sexualidade e Desenvolvimento Humano, código CCBN-073, com carga horária de 45 horas, ministrada todas as quartas-feiras e que contempla, em sua grade curricular, conteúdo voltado para a Educação para a Sexualidade. Desse modo foram definidos como sujeitos da pesquisa os alunos regularmente matriculados na citada disciplina.

5.2. SUJEITOS DA PESQUISA

O grupo que formou os sujeitos da pesquisa foi composto por alunos e alunas do Curso de graduação em Licenciatura em Ciências Biológicas, do Centro de Ciências Biológicas e da Natureza da Universidade Federal do Acre (UFAC), regularmente matriculados na disciplina optativa Sexualidade e Desenvolvimento Humano, oferecida no primeiro semestre de 2019. Para participar da pesquisa foram considerados alguns critérios de inclusão, tais como, estar o aluno frequentando ativamente as aulas e haver respondido aos questionários de pré-intervenção, realizado no primeiro dia de aula, e o de pós-intervenção, realizado no último dia de aula. Como critério de exclusão foi considerada a ausência do aluno em qualquer das etapas da pesquisa.

5.3. TIPO DE ESTUDO

Para o desenvolvimento desta pesquisa foi realizado um estudo do tipo descritivo com investigação qualitativa, utilizando-se como delineamento da pesquisa a abordagem fenomenológica.

Na investigação qualitativa se busca o aprofundamento da compreensão de um determinado grupo social, de uma organização, de uma instituição ou representação. Esse tipo de pesquisa leva em conta a junção do sujeito com o objeto e busca fazer uma exposição e elucidação dos significados que as pessoas atribuem a determinados eventos (BOGDAN e BIKEN, 1994). Ainda segundo esses autores, a pesquisa qualitativa apresenta como principais características: A fonte de dados é o ambiente natural, onde o pesquisador recolhe os dados no local onde os participantes vivenciam a questão/problema da pesquisa, pois consideram importante o contexto; É descritiva, onde o material recolhido é considerado de forma minuciosa e inclui fotos, transcrições, observações, vídeos e notas de campo, além de outros registros, na intenção de respeitar ao máximo cada informação; Interesse pelo processo e não apenas pelos resultados: a preocupação é com o processo e com a negociação de significados; Tendência de análise indutiva, já que o investigador qualitativo não começa sua pesquisa sabendo previamente onde irá chegar, mas, pelo contrário, a constrói progressivamente na medida em que recolhe suas informações.

Para Creswell (2014) a pesquisa qualitativa envolve a natureza interpretativa da investigação, situando o estudo dentro de um contexto político, social e cultural.

Com a finalidade de atingir os objetivos do presente estudo foi adotada a pesquisa fenomenológica como abordagem específica, sendo que ela é definida como um estudo que descreve o significado comum para vários indivíduos das suas experiências vividas de um determinado conceito ou um fenômeno. Neste estudo consideramos fenômeno a sexualidade vivenciada pelos sujeitos da pesquisa.

Para Creswell (2014), a fenomenologia apresenta como principal característica a ênfase em um fenômeno a ser explorado, expresso em termos de um único conceito ou ideia. Ou seja, o foco se dá no conhecimento das experiências vividas pelos indivíduos em torno de um fenômeno.

De acordo com Ludwig (2014), o método fenomenológico apresenta como características fundamentais a suspensão provisória de qualquer juízo sobre o objeto investigado, sendo a descrição do objeto e a interpretação dos dados realizadas com base em referenciais teóricos específicos.

5.4. MÉTODO

Num primeiro momento, estabelecido para o primeiro dia de aula, foi realizado o levantamento dos alunos (as) que estavam matriculados na disciplina Sexualidade e Desenvolvimento Humano. Em seguida foi apresentado aos sujeitos da pesquisa o termo de consentimento livre e esclarecido, mostrando aos participantes o direito ao voluntariado, os objetivos do estudo e os procedimentos a serem usados na obtenção dos dados, bem como a confidencialidade das informações e os benefícios esperados do estudo. Assim, expostos os objetivos e cumpridos todos os procedimentos relativos à execução da pesquisa, foi iniciada a coleta dos dados, que ocorreu em sala de aula, de forma sistemática, com periodicidade semanal, num total de 18 encontros que se estenderam entre os meses de março a julho de 2019.

Na pesquisa qualitativa, a escolha de uma técnica e procedimento de coleta de dados são fundamentais para a aquisição de informações destinadas a responder às questões da pesquisa.

Considerando a complexidade dos sujeitos, o tipo de investigação e o delineamento da pesquisa, foi adequado o uso de técnicas de questionários, observações de campo e matérias audiovisuais (fotografia das dinâmicas e oficinas).

O uso de questionários, para Chaer (2011), tem como ponto forte a garantia do anonimato dos participantes, deixando em aberto o tempo para as pessoas pesarem suas respostas, facilitando ainda a conversão dos dados para elaboração no computador. Foi utilizado questionários semiestruturados, contendo cinco questões abertas sendo aplicados em dois momentos distintos da pesquisa, o primeiro antes do início das aulas, com o objetivo de avaliar os conhecimentos prévios demonstrados pelos alunos (as) sobre sexualidade e o segundo, após o término da disciplina, com o objetivo de avaliar os conhecimentos adquiridos durante o curso.

O uso da observação de campo, para Creswell (2014), é um ato de observar um fenômeno no contexto do campo por meio dos cinco sentidos do observador. Neste estudo foi utilizada a observação simples dos participantes que, segundo Gil (2008), possibilita o registro das informações pelo pesquisador de forma alheia à comunidade, observando de forma espontânea os fatos ocorridos, o que favorece o registro das observações, que pode ser feito por meio de anotações em um diário de bordo.

Buscando um pouco mais de profundidade nas informações e evidências por meio de imagens utilizamos materiais audiovisuais. Para Creswell (2014), materiais audiovisuais são mais uma nova forma de dados qualitativos, que incluem materiais como fotografias, CDs e vídeos. Neste estudo a fotografia foi utilizada como mais uma fonte de dados, sendo obtidas durante a realização das oficinas.

5.5. ELABORAÇÃO DOS DADOS

O processamento dos dados foi realizado com o auxílio da análise de conteúdo e de representação dos dados propostos por Creswell (2014), iniciando com a preliminar dos dados levantados, seguido da exploração do material e finalizando com o tratamento dos dados. Para Creswell (2014), a análise dos dados em pesquisa qualitativa consiste na preparação e organização dos dados para análise; na redução dos dados em temas por meio da criação e condensação dos códigos organizados em categorias; por fim, na representação dos dados em figuras, tabelas ou uma discussão.

Para dar início ao processo de análise, os questionários, as anotações de diário de bordo e as fotografias legendadas foram transcritos de forma fidedigna em documento *Word* e organizados em tabelas.

Na sequência foi realizado o processo de codificação, que consistiu na separação do texto em pequenas categorias de informação, buscando evidências para os códigos a partir das diferentes bases de dados. Em seguida foi atribuído um rótulo aos códigos. Por fim Creswell (2014), propõe que, para analisar os dados qualitativos, o pesquisador deve se envolver em um processo de círculo analítico, em vez de usar uma abordagem linear (Fig.1).

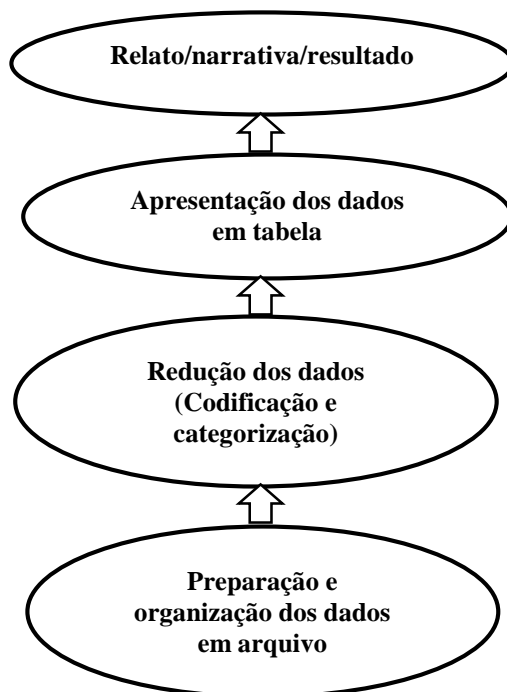


Figura 1 - Esquema utilizado para análise dos dados.

5.6. ASPECTOS ÉTICOS

Nesse sentido, durante todo o processo de planejamento e execução deste estudo, houve a preocupação com as questões éticas. No primeiro contato realizado com os alunos lhes foi revelado o propósito do estudo e a leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Durante a coleta dos dados procurou-se esclarecer os participantes sobre os propósitos do estudo e como os dados dele resultantes seriam utilizados. Sua privacidade foi respeitada, sendo-lhes atribuídos nomes fictícios e desenvolvidos perfis coletivos, sendo que, nos diálogos coletados no diário de bordo, os participantes foram nominados com a letra “P”, de participante e por um número ordinal, identificador da ordem que o diálogo ocorreu (P1; P2; etc.). Além disso, procurou-se usar histórias coletivas, de modo a que os participantes não pudessem ser identificados. No tocante às relações interpessoais buscou-se estabelecer um diálogo significativo, fundamentado nas diversas experiências e conhecimentos vivenciados pelos alunos e alunas, possibilitando assim uma maior compreensão dos conteúdos abordados.

6. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Do grupo de vinte e nove alunos regularmente matriculados na disciplina Sexualidade e Desenvolvimento Humano apenas dezesseis foram incluídos como sujeitos da pesquisa, de vez que algumas matrículas extemporâneas impediram que o grupo de alunos retardatários participassem da fase de pré-intervenção, o que impossibilitou sua inclusão na população de estudo. Durante a evolução do estudo uma aluna foi excluída por não haver participado da etapa de pós-intervenção. Dos dezesseis qualificados, onze eram do sexo feminino (68,75%) e cinco do sexo masculino (31,25%). As idades do grupo de participantes se situaram entre os 19 e os 28 anos, com Amplitude Total (AT) de nove, média (M) de 21,4 e Desvio Padrão (DP) de 2,2 anos. Ao se distribuir esta variável segundo as classes de frequência, notou-se um comportamento bastante uniforme, com a maioria dos participantes, em número de 12 (75%) pertencendo à classe entre 20 e 22 anos, 02 (12,5%) de 19, 01 de 24 e 01 de 28 anos, sendo que a presença desses dois últimos foi responsável por uma ligeira elevação da média do grupo.

Após a análise das declarações significativas efetuada com base no contido nas unidades de significados (apêndice A) e almejando uma melhor sistematização dos resultados, de acordo com o proposto por Creswell (2014), foram formados os temas e subtemas, como mostra a Figura 2.

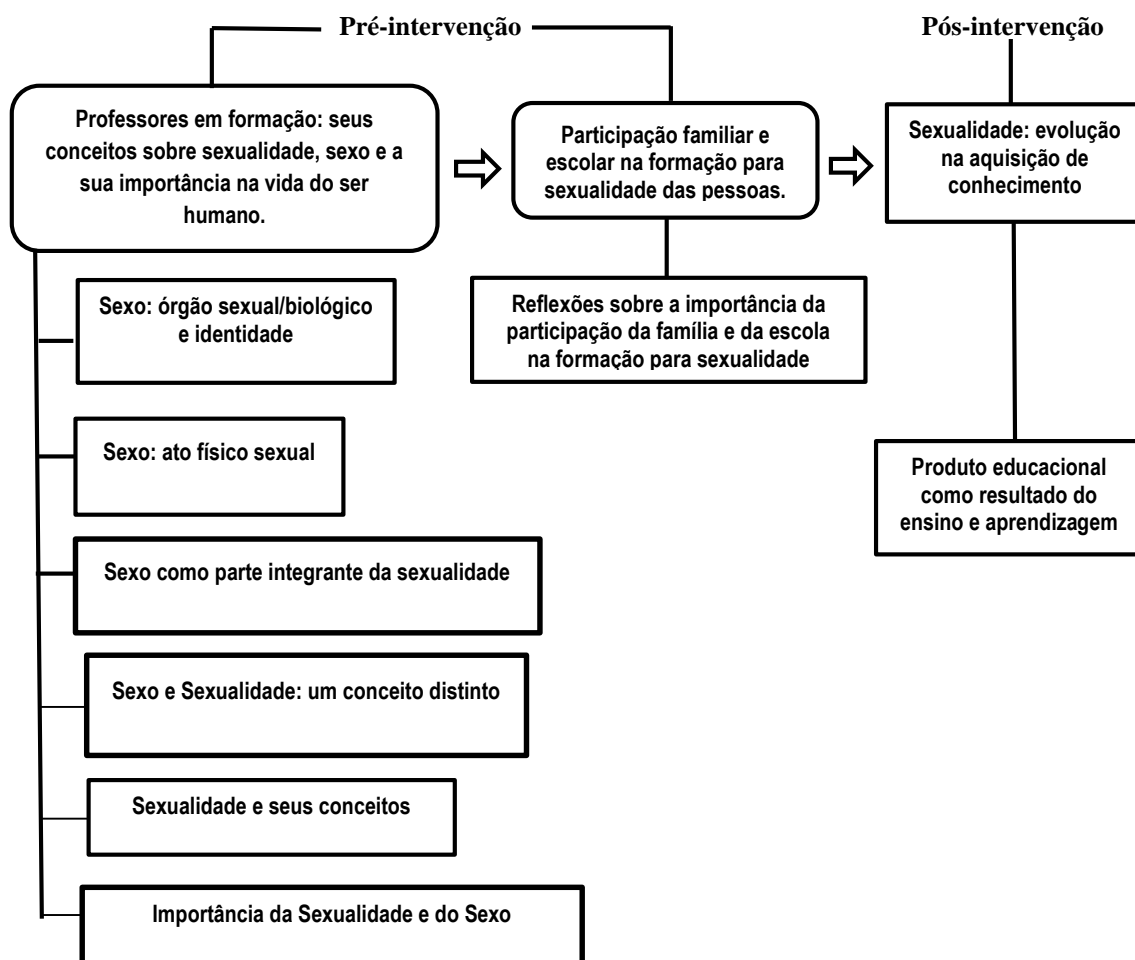


Figura 2 - Temas e subtemas dos elementos da pesquisa.

6.1. PROFESSORES EM FORMAÇÃO: SEUS CONCEITOS SOBRE SEXUALIDADE, SEXO E A SUA IMPORTÂNCIA NA VIDA DO SER HUMANO.

Esta temática teve como objetivo identificar quais os conceitos sobre sexo e sexualidade humana manifestados pelos participantes da pesquisa (Apêndice A). Com base na análise do questionário aplicado no primeiro dia do estudo e no registro das observações anotadas no diário de bordo, foi identificado os seguintes conceitos apresentados nas seguintes subcategorias:

6.1.1. Sexo: órgão sexual/biológico e identidade

Neste grupo, os participantes conceituaram sexo como órgão sexual, biológico e de identidade, como podemos observar pelas definições de Inês, Seleny Yoruite, Tábata, Lady Gaga e Margô:

“Sexo seria o ato físico entre as pessoas, tanto para reprodução quanto para busca de prazer. Além disso, sexo, também pode ser as características corporais para diferenciar macho e fêmea”. (Inês, 20 anos).

“Sexo, não é só um fator biológico é também como nos vemos”. (Seleny Yoruite, 19 anos).

“Sexo é uma forma de reprodução que ajuda na perpetuação da maioria dos seres vivos”. (Tábata, 22 anos).

“O ato do sexo é estimular o prazer genital. Mas o sexo também é identidade”. (Lady Gaga, 21 anos).

“O sexo está relacionado com o biológico, nasce com o indivíduo”. (Margô, 21 anos).

Na verdade, o termo sexo tem sido utilizado, ao longo da história da humanidade, segundo significados diversos. Martines (2018) conceituou o sexo como um conjunto de características anatômicas e fisiológicas; o órgão sexual com o qual o indivíduo nasce, ou seja, masculino e feminino, cada um deles apresentando uma série de características particulares e únicas, tanto nos aspectos anatômico e fisiológico, quanto no psicológico. Figueiró (2013), por sua vez, afirmou que o sexo diz respeito ao ato sexual entre pessoas. A palavra sexo pode ainda ser usada para se referir aos órgãos sexuais masculino e feminino. A sexualidade e o sexo são temas que estão intrínsecos na vida de todo e qualquer ser humano, porém é muito comum ouvir que sexualidade é a mesma coisa que sexo. Este é um grande engano (MAGALHÃES, 2011).

6.1.2. Sexo: ato físico sexual

Para este grupo a palavra sexo não é interpretada como órgão sexual e sim como o ato físico sexual, envolvendo ou não sentimentos. Segundo definido pelas participantes Nazaré Tedesco e Nicole:

“Sexo é o ato físico, entre duas ou mais pessoas”. (Nazaré Tedesco, 21 anos).

“Sexo é o ato físico que pode ou não ter penetração, com pessoa do outro sexo ou do mesmo”. (Nicole, 21 anos).

O conceito das participantes Nazaré e Nicole nos remete a um entendimento do ato sexual sem afetividade, no qual predomina o ato físico, sem a manifestação de qualquer sentimento. Para Figueiró (2013) pode ocorrer sexo sem a proximidade afetiva, sendo o sexo, nesses casos, simplesmente um meio de satisfação do desejo sexual, desde que acordado e sem coerção ou violência entre as partes. Magalhães (2011), por sua vez, definiu o sexo como o envolvimento entre duas pessoas, pelo menos, diferentes entre si, cada uma com suas histórias, ideais e educação distinta.

Como é possível perceber pelos relatos acima, o sexo é conceituado como ato sexual, contemplando os corpos e o prazer que ele pode proporcionar, como descreve Magalhães (2011). Ato físico entre pessoas heterossexuais ou homossexuais, o sexo também é entendido como atração física ou como forma de reprodução e perpetuação das espécies. Contudo, para Figueiró (2013), o sexo engloba todo o prazer sexual que envolve um conjunto de sensações táteis que agradam, com a ocorrência ou não do orgasmo.

6.1.3. Sexo como parte integrante da sexualidade

Nesta subcategoria foi identificado que os participantes compreenderam sexo como parte integrante da sexualidade.

Para eles, sexualidade vai além do carinho e do respeito, sendo interpretada em todas as suas dimensões: biológica, psicológica e social. É vista como a reunião de temas relacionados ao sexo. Sexualidade é o conhecimento biológico, contato e respeito pelo outro. Está relacionada aos sentimentos e desejos distintos existente nas pessoas. Envolve sexo e a convivência entre elas. Sexualidade é ação e comportamento que leva à formação do indivíduo em amplo contexto e onde o sexo é visto como estimulação do prazer no corpo, e identidade. Integrante da sexualidade, o sexo é o máximo do prazer físico e psicológico. Sexo é visto como o biológico. É a união física entre duas pessoas que tem os mesmos desejos de buscar prazer. Para os respondentes, sexo também é conceituado como ato físico, meio de reprodução, busca de prazer, não se limitando apenas à simples penetração entre corpos, envolvendo também parcerias e sentimentos.

“Sei que sexualidade não é só sexo e que sexo não é o principal do termo sexualidade. Creio que sexualidade abrange todas as nossas conexões biológicas, mentais, química etc. Que temos com nós mesmos e com as outras pessoas”. (Zaquel, 22 anos).

“Sexo é um momento íntimo entre duas pessoas e não está ligada só aos órgãos genitais utilizados por essas duas pessoas em um ato sexual. Sexo envolve entrega para pessoa com quem se está relacionando, envolve confiança, envolve estar se conhecendo a si, ao outro e ao próprio corpo. É algo que requer questões não só físicas, mas principalmente mentais”. (Zaquel, 22 anos).

Os participantes Joãozinho, OA, Zaquel, Pietro, Carol Danvers e Bruce Wayne introduziram, em suas falas, aspectos envolvendo algum tipo de sentimento relacionado ao ato sexual em si. Joãozinho, por exemplo, enfatiza o respeito mútuo e a compreensão entre os casais; Zaquel a entrega, a confiança e o conhecimento dos corpos. Para Pietro, o sexo é um ato capaz de proporcionar o prazer físico e psicológico entre as pessoas.

“O sexo na minha opinião é não somente o “ato sexual”, muito importante para todas as pessoas tanto biologicamente quanto para satisfação do prazer tal como entendemos. Sexo em um relacionamento envolve o respeito, ajuda o companheiro (a) e entender os momentos do casal como essenciais para uma boa relação em toda sua plenitude”. (Joãozinho, 20 anos).

“O sexo é um ato que envolve a atração entre pessoas que se relacionam fisicamente”. (OA, 22 anos).

[Sexo] “É um ato capaz de potencializar prazer físico e psicológico às pessoas”. (Pietro, 19 anos).

[Sexo] “União física entre duas pessoas com desejos semelhantes com intenção de obter prazer”. (Carol Danvers, 22 anos).

“Sexo é um ato entre parceiros onde geralmente há sentimentos e pode ser algo muito maior. Não é uma simples penetração”. (Bruce Wayne, 20 anos).

Segundo Figueiró (2013), o sexo não se trata apenas da penetração entre corpos; envolve parcerias e sentimentos, é parte integrante da sexualidade.

6.1.4. Sexo e Sexualidade: um conceito distinto

Na visão desses estudantes, sexo e sexualidade apresentaram conceitos diferentes. Para eles, a sexualidade é compreendida em algumas de suas dimensões, estando ligada aos prazeres vividos ao longo da existência do indivíduo, bem como o

autoconhecimento, os relacionamentos e o respeito às diferenças dos outros. Foi observado também que a sexualidade é associada ao aprendizado sobre sexo, bem como requisito para conhecer o pensamento e o comportamento das pessoas. Já o sexo foi definido como o ato sexual, contemplando os corpos e o prazer que eles podem proporcionar. Ato físico entre pessoas heterossexuais ou homossexuais, dependente da atração física, sendo ainda visto como forma de reprodução e perpetuação das espécies. Fator biológico e de autoconhecimento, o termo é também compreendido como masculino ou feminino. Visto como autoconhecimento, está relacionado com compreender e respeitar as outras pessoas.

[Sexualidade] “É a maneira que as pessoas usam para compartilhar sentimentos, ideias e emoções, discursões e diálogos respeitando os seres do jeito que eles são no meio social e cultural”.

“O sexo na minha opinião é somente o “ato sexual”, muito importante para todas as pessoas tanto biologicamente quanto para satisfação do prazer tal como entendemos. Sexo em um relacionamento envolve o respeito, ajuda o companheiro (a) e entender os momentos do casal como essenciais para uma boa relação em toda sua plenitude”. (Joãozinho, 20 anos).

É muito comum achar que sexo e sexualidade são sinônimos. Para Figueiró (2013) sexo é a relação sexual entre as pessoas e está inserido na sexualidade já esta engloba outros elementos como: afetividade, prazer, carinho, toque, conhecimento da sua própria imagem e do seu corpo, bem como as dos outros também.

6.1.5. Sexualidade e seus conceitos

Por meio dos relatos dos participantes abaixo, foi possível inferir que o conceito de sexualidade está ligado aos prazeres vividos ao longo da existência do indivíduo, bem como ao autoconhecimento, aos relacionamentos e ao respeito às diferenças.

Martines (2018) conceitua sexualidade como sendo a própria vida, num processo que vai do nascer ao morrer, envolvendo, além do nosso corpo, nossa história, nossos costumes, nossas relações afetivas, nossa cultura. Como conceituado pelos participantes Nazaré Tedesco, Paola, Tábata, Nicole e Lady Gaga:

[Sexualidade] “É tudo que dá prazer na vida, é o autoconhecimento do próprio corpo etc.”. (Nazaré Tedesco, 21 anos).

“Sexualidade é tudo aquilo que você faz que te proporciona prazer”. (Paola, 24 anos).

“Ao meu ver, sexualidade diz respeito a tudo aquilo que confere prazer como assistir um filme, sexo, dormir, etc. Porém respeitando a individualidade de cada um”. (Tábata, 22 anos).

“Sexualidade envolve tudo que dá prazer, desde a barriga da mãe até à morte”. (Nicole, 21 anos).

“Sexualidade é o carinho, o respeito. É ser você em todos os sentidos”. (Lady Gaga, 21anos).

Nesse sentido, Costa (2005) e Magalhães (2011) ampliaram e aprofundaram o conceito sobre sexualidade. Para esses autores, a sexualidade possui dimensões biológica, psicológica e social, expressados no contexto das falas das participantes Margô, Seleny, OA, Carol, João Pedro, Inês e Pietro:

“Sexualidade é conhecer a mente e o corpo, é o contato com o próximo, seja um abraço, seja um beijo, é saber respeitar as escolhas do outro, independente da sua”. (Margô, 21 anos).

“Sexualidade para mim tem a ver como você se relaciona com as outras pessoas e com as diferenças que elas possuem”. (Seleny Yoruite, 19 anos).

“Sexualidade envolve basicamente o nosso corpo, as diferenças que tem no corpo”. (OA, 22 anos).

“É a externalização de sentimentos e desejos. Onde para cada pessoa ela se diferencia”. (Carol Danvers, 22 anos).

Para Costa (2005) a abordagem biológica nos diz que temos um corpo que sente, vê e é visto; já a abordagem psicológica remete à nossa mente, ao psiquismo, às nossas emoções, afetos, fantasias e sonhos, enquanto a dimensão social é o mundo que nos rodeia, com nossas histórias, costumes, cultura e relações afetivas (BONFIM, 2012).

“A sexualidade ela é fundamental para conhecer a pessoa como também seus pensamentos e seu comportamento”. (João Pedro, 28 anos).

“É toda ação e comportamento que contribui para a formação do ser humano enquanto pessoa dentro de um contexto maior”. (Bruce Wayne, 20 anos).

[Sexualidade] “O estudo do sexo e seus relacionamentos”. (Ketnis, 20 anos).

“Sinceramente, eu não sei, mas acho que está relacionado ao sexo e, além disso, está relacionado à convivência entre as pessoas”. (Inês, 20 anos).

“Um conjunto de temas que aborda sexo, concepção, orientação sexual etc.”. (Pietro, 19 anos).

Nesse sentido Figueiró (2013), enfatizou que sexualidade inclui o sexo, a afetividade, o carinho, o prazer, o amor ou os sentimentos mútuos de bem querer, os gestos, a comunicação, o toque e a intimidade. Como mostra a fala do participante Zaquel:

“Sei que sexualidade não é só sexo e que sexo não é o principal do termo sexualidade. Creio que sexualidade abrange todas as nossas conexões biológicas, mentais, química etc. Que temos com nós mesmos e com as outras pessoas”. (Zaquel, 22 anos).

A Organização Mundial da Saúde (OMS) considerou a sexualidade humana parte integrante de todos nós, não sendo sinônimo de coito e não se limitando à presença ou não do orgasmo. É energia que motiva a encontrar o afeto, contato e intimidade e se expressa na forma de sentir, nos movimentos das pessoas e na forma como estas se tocam e são tocadas (BRASIL, 1998; EGYPTO, 2012).

Foucault (2018), entendia a sexualidade como um nome à ser dado a um dispositivo histórico e não à uma realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder. O autor nos chama para um olhar diferenciado para sexualidade, pautado numa visão de que a sexualidade é um fenômeno histórico-cultural e político, e não médico/higienista/biologista, como antes. Nesse contexto Figueiró (2009), apontou que a sexualidade é elemento integrante de nossa identidade, envolvendo o amor, o prazer, o toque, o sexo, a afetividade, o carinho, os gestos, o respeito, a alegria de viver e o conjunto das normas culturais relacionadas à prática sexual, sendo que Costa (2005) salientou que a sexualidade é o aspecto central da personalidade do indivíduo e é por meio dela que nos relacionamos com os outros, amamos, obtemos prazer e nos reproduzimos.

6.1.6 A importância da sexualidade e do sexo na vida dos participantes da pesquisa.

Neste subtema, descrevemos a importância da sexualidade e do sexo no cotidiano dos alunos e alunas participantes da pesquisa, a partir dos dados contidos no Apêndice B. Para as participantes Nicole, Ketnis, Tábata, Carol Danvers e Paola tanto a sexualidade como o sexo são importantes para obtenção de benefícios, entre eles os sentimentos de prazer, afeto e reprodução:

“Sexualidade é importante para sentirmos prazer, afeto, cuidado com as outras pessoas. O sexo é importante tanto para propagação da espécie, quanto para o prazer próprio”. (Nicole, 21 anos).

[Sexualidade] importante para o “prazer, se sentir bem e querido. [Sexo] importante para sentir prazer, reprodução, afeto”. (Ketnis, 20 anos).

“O sexo faz parte da sexualidade do ser humano, pois ele é prazeroso”. (Tábata, 22 anos).

[Sexo] importância de se proliferar, por meio de filhos biológicos, mas também a importância de compartilhar prazer, seja entre um relacionamento, ou em algo casual”. (Carol Danvers, 22 anos).

[Sexualidade] “Tem extrema importância, pois nós seres humanos necessitamos de momentos de prazer e felicidade, estar em sociedade, isso tudo é exercer a sexualidade por isso ela é tão importante”. (Paola, 24 anos).

“Sexo é importante para a procriação de nossa espécie e também para estabelecer uma intimidade e conexão entre parceiros”. (Paola, 24 anos).

A sexualidade tem importância na formação das pessoas. Compreender a sexualidade previne tabus e preconceitos. Para exercermos autocompreensão e o autorrespeito, conforme a fala dos seguintes participantes:

“Como mencionado nas questões anteriores, a sexualidade é muito importante na formação dos seres humanos. É muito importante entender tudo que compreender a sexualidade e ajuda para evitar discriminações e preconceito por falta de sabedoria”. (Paola, 24 anos).

[Sexualidade] “Tornar as pessoas mais humanitárias e menos egoístas ou preconceituosas”. (Pietro, 19 anos).

[Sexualidade] “Ela possui bastante importância, pois através dela tentamos nos compreender e respeitar a nós mesmas e as outras pessoas quando a exercemos”. (Tábata, 22 anos).

[Sexualidade] “Acho que é importante para que exista respeito”. (Inês, 20 anos).

“O sexo enquanto ação é importante por questões hormonais e de questão de afeto com quem temos intimidade. Pelo lado de identidade, é importante para conhecermos e respeitarmos as diferenças”. (Lady Gaga, 21 anos).

A sexualidade e o sexo também foram citados como importantes para o conhecimento do corpo e na relação com as pessoas:

[Sexualidade] “É importante para se aprofundar mais no nosso corpo e nos envolver com as pessoas. [Sexo] é uma conexão muito forte entre as pessoas”. (OA, 22 anos).

[Sexualidade] “É importante porque a pessoa se conhece e passa a entender as outras pessoas e os fenômenos que acontece no corpo delas. [Sexo] é importante porque é uma conexão física com alguém importante”. (Nazaré Tedesco, 22 anos).

[Sexualidade] “Ela nos ensina a refletir as diferenças, a acolher a todos que os que estão próximo a nós e a transmitir conhecimento sobre a importância em exercer nossa sexualidade”. (Joãozinho, 20 anos).

Pela fala do participante Joãozinho, inferimos que a sexualidade tem importância de tornar as pessoas mais humanitárias, empáticas e sem preconceitos, contribuindo para a reflexão e para o acolhimento das diferenças.

A sexualidade é parte inseparável do ser humano, pois:

“Sexualidade é um dos pilares principais na vida de alguém. Sua importância vai da educação (seja das crianças, jovens e adultos) por toda vivência”. (Carol, Danvers, 22 anos).

Para a participante Carol, a sexualidade é de fundamental importância na vida das pessoas, na educação que percorre toda a vida.

6.2. PARTICIPAÇÃO FAMILIAR E ESCOLAR NA FORMAÇÃO PARA SEXUALIDADE DAS PESSOAS

Nesta temática objetivou-se descrever qual a percepção manifestada pelos estudantes com relação à participação da família e da escola na educação para a sexualidade, a partir da análise do questionário aplicado no primeiro dia do estudo e do registro das observações anotadas no diário de bordo.

6.2.1. Reflexões sobre a importância da participação da família e da escola na formação para sexualidade

Para iniciar as reflexões sobre esta temática os participantes da pesquisa foram instados a responder à seguinte questão:

– Você acha importante a participação da família e da escola na formação para sexualidade das pessoas? Por quê?

Todos os participantes responderam a questão solicitada e houve unanimidade em considerar a importância da participação da família e da escola na formação para sexualidade das pessoas. A efetiva participação destas duas instituições podem gerar efeitos positivos na aprendizagem da educação sexual, como abertura de diálogo e a quebra de barreiras que impedem o exercício de uma sexualidade saudável, conforme se observa no relato dos seguintes participantes:

“Sim, com essa informação, os pais poderiam evitar constrangimentos e poderiam conversar com seus filhos sobre”. (Bruce Wayne, 21 anos).

“Sim. Pois a escola é um excelente e saudável ambiente onde podemos ensinar e discutir sexualidade. A família também é fundamental para a formação sexual dos filhos”. (Joãozinho, 20 anos).

“Sim, de extrema importância, pois todas as pessoas têm que abrir a mente para sexualidade e quebrar todos os tabus que envolvem sexualidade e quanto mais cedo melhor. Sexualidade ajuda as pessoas a se conhecer e respeitar as outras pessoas e toda a sua diversidade”. (Zaquel, 22 anos).

“Sim, com certeza. Por que assim, muitos tabus são quebrados e com isso a criança, o jovem ou mesmo o adulto entende o seu corpo, aprende a se conhecer, se respeitar e respeitar o próximo. Exercendo respeito por seus corpos e pelo corpo do outro”. (Paola, 24 anos).

“Sim, pois tira o tabu que os pais têm de falar sobre sexualidade com os filhos”. (OA, 22 anos).

As falas de Bruce e Joãozinho vão ao encontro das observações feitas por Bonfim (2012), para quem a família é a primeira referência para a criança construir sua identidade sexual, sendo a escola a subsidiária da família, o mesmo acontecendo com as opiniões emitidas pelos participantes Zaquel, Paola e OA.

“A educação sexual deve estar voltada ao esclarecimento de tabus e preconceitos existentes na sociedade, promovendo respeito à liberdade de expressão e de orientação sexual, abrindo espaços para discussão de conceitos e problemas da adolescência, como namoro, sexo seguro, gravidez, aborto. Orientação sexual, abusos sexuais, violência, responsabilidade, maturidade e afetividade”. (BONFIM, 2012. p. 71).

Nesse sentido, em consonância com Bonfim (2012), vejamos a opinião das participantes Nicole, Carol Danvers, Nazaré Tedesco e Tábata:

“Sim, para o conhecimento do corpo desde de criança, para evitar gravidez, doenças e para valorização de si mesmo”. (Nicole, 21 anos).

“Sim, pois com a falta desse conhecimento pode se proliferar os números de gravidez e doenças sexualmente transmissíveis. Assim, a quebra de certos tabus pode facilitar o compartilhamento de conhecimento”. (Carol Danvers, 22 anos).

“Sim é importante pois as crianças e jovens ao ter um entendimento básico de assuntos relacionados ao próprio corpo, vão se conhecer melhor, e o outro também”. (Nazaré Tedesco, 22 anos).

“É muito importante que a família e a escola façam esse acompanhamento para reforçar a importância de exercer nossa sexualidade respeitando o espaço dos outros”. (Tábata, 22 anos).

Segundo Furlane (2017), todo ser humano, na condição de ser social e sexual, deve adquirir constantemente aprendizado sobre sua sexualidade, seja no ambiente familiar, seja no escolar, tendo em vista o papel fundamental que ela exerce sobre sua saúde e bem-estar, em virtude de sua inerência com os fenômenos biopsicossociais que configuram a espécie humana, sendo que a falta de abordagem da sexualidade no currículo escolar tem sido um importante fator no surgimento de problemas sociais, tais como as infecções sexualmente transmissíveis, a gravidez na adolescência e a gravidez indesejada ou não planejada.

Para Bonfim (2012) se uma pessoa, na infância, recebe uma Educação Sexual carregada de pudores, limitações, dogmas, tabus e visões negacionistas da sexualidade, não terá a vivência da sexualidade saudável, com qualidade e plenitude.

Dando sequência às reflexões, os alunos falaram sobre sua educação sexual respondendo aos seguintes questionamentos:

– Você recebeu algum tipo de educação sexual por parte de seus familiares? E da escola? Você está contente com ela?

Pelas reflexões de Lady Gaga, Tábata, Nazaré Tedesco, Margô e Inês percebe-se que a família teve pouca ou nenhuma participação na educação para a sexualidade dessas participantes, sendo que a escola representou um papel mais efetivo nessa formação, embora de forma incipiente em alguns casos, portanto ineficaz, e em outros segundo uma abordagem biológica/higienista e bancária sendo, na maioria dos casos, veiculada de forma superficial e não livre de vieses introduzidos pelos professores, daí a exigência de uma formação adequada voltada para o ensino da sexualidade.

“Em casa não recebi nenhuma educação sexual, já na escola tive, tive muitos exemplos que nos ajudaram. E o maior exemplo que tive, foi no ensino fundamental, onde a professora da disciplina de religião usou o tempo da disciplina para falar de sexo e sexualidade e ainda tive o apoio de outros professores, como o professor de inglês, para levar as meninas da escola para conferências de mulheres onde tivemos mais conhecimento. Não estou completamente satisfeita em exercer minha sexualidade, mas minha curiosidade pelo assunto me permite estar confortável para conversar sobre sexualidade”. (Lady Gaga, 21 anos).

“Da família eu não recebi. Na escola só lembro de palestras sobre gravidez na adolescência, IST’S e métodos de prevenção sexual. Fui ter uma noção básica de sexualidade na UFAC”. (Tábata, 22 anos).

“Em casa não tive uma educação sexual prévia, mas na escola tive um conhecimento básico. Ficou muito a desejar por ambas as partes”. (Nazaré Tedesco, 22 anos).

“Quase não tive orientação sexual, o que muito “aprendi” foi com amigos, não tinha conversa sobre o assunto na minha família, como também na escola, apenas tive aula sobre IST’S como evitar, algo bem básico”. (Margô, 21 anos).

“Minha família não aborda muito a temática, não conversei muito sobre isso com ninguém da minha família a respeito. Mas quando eu tinha

alguma dúvida eu pesquisava em livros ou até em alguns sites sobre o assunto. Na escola também aprendi muito a respeito”. (Inês, 20 anos).

Para Furlani (2017), a sexualidade em uma abordagem higienista tem como centro o ensino voltado à promoção da saúde, à reprodução humana, à gravidez indesejada e ao planejamento familiar. Na “educação bancária” não se considera a totalidade do ser. O indivíduo é visto como um depósito de informações, a linguagem do corpo é desconsiderada e separada da cabeça (FREIRE, 2011). “Somos inteireza e não partes estanques, somos razão e subjetividade, somos biológico e histórico-cultural” (BONFIM, 2011. p. 55).

“Tudo o que aprendi sobre orientação sexual e sexualidade foi fruto de pesquisa própria, nunca recebi orientação pela família ou pela escola. Acho que por essa falta de comunicação pelas partes deixei de aprender muitas coisas ou aprendi mais tardiamente. Não estou contente, ainda tenho muitas dúvidas e curiosidades sobre minha orientação sexual e sobre os temas de sexualidade”. (Pietro, 19 anos).

“Não recebi praticamente nenhuma orientação dos familiares e principalmente da escola, já que a mesma era religiosa. Tudo que aprendi foi por meio de filmes, séries e por meio da televisão”. (Carol Danvers, 22 anos).

“Não, de nenhuma parte ainda sei bem o que é sexualidade, mas pretendo aprender e ensinar aos meus próximos e descendentes”. (OA, 22 anos).

“Não recebi nenhuma orientação familiar ou escolar. Mas fui adequadamente informada sobre métodos contraceptivos e DST’s. Não estou contente com minha educação sexual, poderia ter sido bem melhor”. (Ketnis, 20 anos).

Nestas palavras de reflexões, fica evidente o significado da “falta da Educação Sexual” para os participantes Pietro, Carol, OA, Ketnis. Para esses participantes, essa ausência tem gerado insatisfação, dúvidas e curiosidade e, quando se sentem prejudicados na sua sexualidade, culpam a família e a escola por não terem exercido seu papel educativo com relação ao ensino da sexualidade. A esse respeito Figueiró (2013) salientou que é normal, ao fazermos esse questionamento a um adulto, ele responder que nunca teve educação sexual. Na verdade, todas as pessoas tiveram educação sexual no decorrer da vida, pois sempre estamos aprendendo algo sobre o tema, seja de modo informal ou formal. Para o autor, a Educação Sexual informal se dá por meio da influência social, pois

somos influenciados por ações não planejadas como atitudes, falas, olhares, gestos e silêncios. Porém a Educação Sexual formal é o ensino intencional sobre sexualidade, feito na escola, na igreja, nas unidades de saúde e até em casa, quando os pais pegam um livro sobre sexualidade e leem com as crianças (FIGUEIRÓ, 2013). Para Silva (2018), quando a família e a escola se omitem na educação sexual, os jovens buscam outras alternativas para sanar suas dúvidas e seus anseios. Manchini (2020), observa esses dois meios de Educação Sexual advertindo:

A Educação Sexual informal pode vir em um conjunto de achismo baseado em desinformações, perpassadas por gerações e apoiada em dogmas morais e religiosos. E a escola deve ser responsável por disseminar uma Educação Sexual formal, baseada em estudos científicos, discussão livre de dogmas e preconceitos e que, efetivamente, venha a sanar os questionamentos dos alunos da atual geração (MANCHINI, 2020).

Através das reflexões descritas pelos alunos e alunas, participantes da pesquisa, é notado que a busca por conhecimento sobre sexualidade é motivada por inúmeros fatores como: a necessidade de conhecimento do corpo, compreender seus sentimentos, anseios, gostar das aulas da professora, gostar do nome da disciplina, achar a temática importante, ter curiosidade e querer se aprofundar no assunto. Neste sentido, Freire (2011) afirma que a educação é possível para o homem porque ele se compreende como ser inacabado, almejando a perfeição, sendo o sujeito da sua educação e não objeto dela.

6.3. SEXUALIDADE: EVOLUÇÃO DO CONHECIMENTO DOS PARTICIPANTES DO ESTUDO.

A evolução do conhecimento sobre a sexualidade entre os sujeitos da pesquisa, vencidas as etapas de pré-intervenção, intervenção e pós-intervenção, foi realizada por meio da análise do desempenho por eles demonstrada, tendo por base os questionários aplicados, bem como as anotações contidas no diário de bordo.

Partimos esclarecendo que as respostas fornecidas pelos (as) alunos e alunas no questionário de pré-intervenção não foram consideradas incertas e sim com possibilidade de serem complementadas, através de intervenção, e assim, se configurar uma evolução na aquisição do conhecimento dos participantes. Para Bachelard e Freire (2003; 2011),

todo conhecimento jamais se inicia no plano imaterial, “no vazio ou vácuo cultural”, porém, tem contínua evolução a partir do conhecimento anterior.

Para realizar essa comparação, os participantes responderam os seguintes questionamentos, conforme detalhado no capítulo anterior:

1. O que você acha que é sexualidade?

Ao conceituar a sexualidade, 5 (cinco) dos participantes (33%), no questionário de pré-intervenção não citaram, em suas respostas, a palavra prazer. Após a intervenção, passaram a acrescentar, no conceito de sexualidade, a palavra prazer ou um seu sinônimo, como podemos verificar na fala dos participantes Lady Gaga e Pietro (Quadro 1).

Já para os participantes Zaquel e Ketnis a sexualidade passou de um conceito sexista/biologista para um conceito mais profundo envolvendo o amor, a motivação, a evolução e as sensações. Zaquel, inclusive, cita uma das características essenciais da sexualidade, que é a individualidade.

Quanto à participante Carol, o conceito de sexualidade, que antes só tinha dimensão psicológica, passou a ter também uma dimensão biológica.

Respostas Pré-intervenção	Respostas Pós-intervenção
“Sexualidade é o <u>carinho, o respeito</u> . É ser você em todos os sentidos”. (Lady Gaga, 21 anos).	“Sexualidade é <u>tudo que nos dá prazer</u> , que nos faz sentir, desde respeito, carinho, sexo, estilo de roupa e penteados de cabelo etc.”. (Lady Gaga. Sexo: F).
“Um conjunto de temas que aborda <u>sexo, concepção, orientação sexual</u> etc.”. (Pietro, 19 anos).	“Sexualidade é toda e qualquer atividade que nos dar <u>prazer e satisfação</u> ” (Pietro. Sexo: M).
“Sei que sexualidade não é só sexo e que sexo não é o principal do termo sexualidade. Creio que sexualidade abrange todas as nossas conexões <u>biológicas, mentais, química</u> etc. Que temos com nós mesmos e com as outras pessoas”. (Zaquel, 22 anos).	“Sexualidade é toda ação realizada pelo ser humano voltado a todas as características que fazem bem o mesmo e conseqüentemente para <u>outras pessoas</u> . <u>Envolve amor, afeto, empatia</u> , etc. Sendo o traço mais íntimo do ser humano, se manifestando de maneira diferente em cada pessoa, de acordo com suas experiências”. (Zaquel. Sexo: M).
“O estudo do <u>sexo</u> e seus <u>relacionamentos</u> ” (Ketnis, 20 anos).	“É o descobrimento e <u>evolução de todas as características</u> que nos proporcionam <u>diferentes sensações</u> ” (Ketnis. Sexo: F).

“É a externalização de <u>sentimentos</u> e <u>desejos</u> . Onde para cada pessoa ela se diferencia”. (Carol Danvens, 22 anos).	“Todas as <u>expressões corporais</u> de forma saudável”. (Carol Danvens. Sexo: F).
--	---

Quadro 1 - Evolução dos participantes da pesquisa sobre o conceito de sexualidade.

Foucault (2018) traz um novo olhar sobre a sexualidade, para ele a sexualidade não se apresenta como um impulso rebelde, de natureza estranha e indócil, mas sim, um lugar de passagem pelas relações de poder entre as pessoas. Nessas relações de poder a sexualidade não representa o elemento mais rígido, porém um dos dotados de maior instrumentalidade. Assim a sexualidade pode ser apresentada como um dispositivo histórico, considerada como uma criação social, que se liga a economia através de articulações numerosas e sutis. Ou seja, um dispositivo usado nos corpos de maneira detalhada, controlando as populações de modo cada vez mais global.

2. O que você acha que é o sexo?

Na resposta a esse quesito, durante a fase de pré-intervenção, quatro dos cinco respondentes (Bruce Wayne, Zaquel, Pietro e Lady Gaga) associaram o termo sexo ao ato sexual em si, enquanto o quinto participante (Ketnis) considerou o sexo como sendo a palavra que identifica o sexo biológico (masculino e/ou feminino), conforme pode ser observado no Quadro 2.

Respostas Pré-intervenção	Respostas Pós-intervenção
“ <u>Sexo é um ato entre parceiros</u> onde geralmente há sentimentos e pode ser <u>algo muito maior</u> . Não é uma simples penetração”. (Bruce Wayne, 20 anos).	“Sexo é um processo fisiológico que dá prazer e pode fazer parte da sexualidade (dependendo). <u>O sexo não é sexualidade mas pode fazer parte</u> ”. (Bruce Wayne. Sexo: M).
“Sexo é um momento íntimo entre duas pessoas e não está ligada só <u>aos órgãos genitais</u> utilizados por essas duas pessoas em um ato sexual. Sexo envolve entrega para pessoa com que se está relacionando, <u>envolve confiança</u> , envolve está se conhecendo a si, ao outro e ao próprio corpo. “É algo que requer questões não só física, mas principalmente <u>mentais</u> ”. (Zaquel, 22 anos).	“O sexo é apenas um <u>fragmento da sexualidade</u> , não sendo o mais importante da sexualidade. Sem o sexo é possível exercer a sexualidade (sem dúvida!)”. (Zaquel. Sexo: M).

“ <u>Masculino e feminino</u> ”. (Ketnis, 20 anos).	“Uma forma de <u>desenvolver a sexualidade</u> ”. (Ketnis. Sexo: F).
“É um ato capaz de potencializar <u>prazer físico e psicológico</u> as pessoas”. (Pietro, 19 anos).	“O <u>sexo faz parte da sexualidade</u> , sendo uma atividade que dar prazer e satisfação”. (Pietro. Sexo: M).
“O ato do sexo é estimular o <u>prazer genital</u> . Mas o sexo também é identidade”. (Lady Gaga, 21 anos).	“O <u>sexo compõe a sexualidade</u> : dele pode ser o ato sexual, que pode ocorrer de diversas formas, pode ser também o sexo biológico”. (Lady Gaga. Sexo: F).

Quadro 2 - Evolução dos participantes da pesquisa a respeito do conceito de sexo.

Ao observarmos as respostas a essa questão, fornecidas pelos participantes no questionário aplicado na fase de pós-intervenção (Quadro 2), o sexo, que independente da definição, esteve associado aos “sentimentos” (Bruce Wayne), à “entrega, confiança, conhecimento dos corpos e às questões mentais” (Zaquel), ao “prazer psicológico das pessoas” (Pietro) e ao “prazer genital” (Lady Gaga), passou também a ser associado à sexualidade pelos participantes da pesquisa.

Esses resultados apontam para uma evolução significativa, no sentido positivo, demonstrada pelos sujeitos da pesquisa, no que se refere aos conceitos de sexo e sexualidade, demonstrando com isso, a importância do papel exercido pela educação para a sexualidade no desenvolvimento das pessoas e estão de acordo com o que vem sendo preconizado por diversos autores ao longo da história da sexualidade humana.

3. Qual a importância da sexualidade na vida das pessoas?

Com relação à importância da sexualidade se observou que, nas respostas obtidas na fase de pré-intervenção, houve unanimidade dos respondentes no sentido de reconhecer a sexualidade como elemento importante para a vida das pessoas. As respostas à esta questão estão apresentadas no Quadro 3.

Respostas Pré-intervenção	Respostas Pós-intervenção
“Sentimos prazer, afeto, cuidado com as <u>outras pessoas</u> ”. (Nicole, 21 anos).	“Uma pessoa que conhece a sexualidade é uma pessoa que <u>se conhece</u> melhor, que pode ver o quanto a vida pode ser prazerosa”. (Nicole. Sexo: F).

“Pilares na vida de <u>alguém</u> . Sua importância vai da educação (seja das crianças, jovens e adultos) até a vivência”. (Carol Danvers, 22 anos).	“Muita, principalmente o <u>autoconhecimento</u> e as felicidades na vida das pessoas” (Carol Danvers. Sexo: F).
“A sexualidade é muito importante para o convívio em <u>sociedade</u> ”. (Lady Gaga, 21 anos).	“A sexualidade é muito importante para os relacionamentos em geral, é importante para socialização e principalmente para <u>nós mesmos</u> ”. (Lady Gag. Sexo: F).
“Sei que é de extrema importância, porém ainda <u>não sei expressar</u> bem qual essa importância, e creio que seja indispensável”. (Zaquel, 22 anos).	“É importante porque a todo o momento testamos nossa sexualidade, entender que o <u>sexo não é mais importante</u> , faz com que cada pessoa se <u>valorize</u> mais, se conheça mais, perca <u>tabus</u> , se <u>liberte</u> do que pode estar impedindo alguém de ser feliz”. (Zaquel. Sexo: M).
“Ela possui bastante importância, pois através dela tentamos nos <u>compreender</u> e <u>respeitar a nós mesmas</u> e as outras pessoas quando a exercemos”. (Tábata, 22 anos).	“É importante pois <u>contribui</u> para a <u>felicidade</u> ”. (Tábata. Sexo: F).
“ <u>Refletir</u> as diferenças”. (Joãozinho, 20 anos).	“Transforma a vida das pessoas, a partir de atitudes que <u>melhoram a qualidade de vida</u> ”. (Joãozinho. Sexo: M).
“Acho que é importante para eu exista <u>respeito</u> ”. (Inês, 20 anos).	“A sexualidade é importante na vida da pessoa para que ela se sinta bem e <u>conviva com as pessoas ao redor</u> ”. (Inês. Sexo: F).
“É importante para se aprofundar mais no nosso <u>corpo</u> e nos envolver com as <u>pessoas</u> ”. (OA, 22 anos).	“Muito importante desde o nascer até a morte, pois é ela que vai se <u>expressar de acordo com a infância</u> ” (OA. Sexo: F).

Quadro 3 - Evolução dos participantes da pesquisa sobre a importância da sexualidade.

Se observou que, na fase de pré-intervenção, houve unanimidade entre os respondentes no sentido de admitir a importância da sexualidade na vida das pessoas, importância esta justificada pelo uso de expressões diversas como “prazer, afeto e cuidado entre as pessoas” (Nicole), “vivência em sociedade” (Lady Gaga), “compreender e respeitar a nós mesmas e aos outros” (Tábata) e “respeito” (Inês). Zaquel, que mesmo não sabendo expressar sua importância, a considerou “indispensável”, sendo que, para Joãozinho a sexualidade é importante pois nos permite “refletir as diferenças” e para OA “se aprofundar mais no nosso corpo e nos envolver com as pessoas”.

Esses resultados obtidos na fase de pré-intervenção no tocante ao conceito de sexualidade indicam que alguns dos participantes traziam algum nível de conhecimento sobre o tema. Tal se justifica pelo fato de que, alguns deles, já haviam participado de

palestras, oficinas e/ou outras atividades desenvolvidas no âmbito da sexualidade, seja no ambiente da própria UFAC, seja em outros locais, visto ser este um tema que vem sendo abordado por diversos pesquisadores e que vem atraindo a atenção da comunidade, muito embora alguns dos participantes jamais houvesse desenvolvido qualquer atividade nesse sentido. Tais afirmativas se encontram nas falas de alguns dos participantes quando, ao serem instados pela professora responsável pela disciplina a respeito da motivação que os teria levado a participar do Curso responderam:

- “Me matriculei porque já tinha estudado outra disciplina com a senhora e gostei muito” (P1, sexo. F).
- “Me matriculei porque tenho que completar minha carga horária de disciplinas optativas” (P2, sexo. F).
- “Escolhi fazer a disciplina sexualidade porque gostei do nome” (P3, sexo. M).
- “Me matriculei porque acho a temática sexualidade importante” (P4 Sexo. F).
- “Tive contato com o assunto quando participei do PIBID, gostei muito e quero me aprofundar mais no assunto” (P5 sexo. F).
- “Tenho curiosidade no assunto” (P6 sexo. F).

Na fase de pós-intervenção, os integrantes do grupo passam a compreender a sexualidade como parte integrante do indivíduo, mais importante que o sexo, estando a sexualidade ligada à “autovalorização” e ao “autoconhecimento” nas opiniões de Nicole, Carol Danvers e Zaquel. Este cita ainda, a quebra de tabus e a conquista da liberdade como fatores importantes adquiridos no exercício da sexualidade. Já para a participante Tábata a sexualidade passou a ser importante porque contribui para a construção da “felicidade”. Para os participantes Joãozinho e Inês, a sexualidade é importante no sentido de que melhora a “qualidade de vida” e o “convívio com as pessoas ao redor”. Para a participante OA a sexualidade influencia em toda a nossa vida, “do nascer até à morte”, se expressando de “acordo com a infância”, numa reflexão que se linha com Bonfim (2012), é na vivência da sexualidade nas fases da criança e adolescente que são construídas as referências para vivência da sexualidade na fase adulta.

4- Qual a importância do sexo na vida das pessoas?

Na etapa de pré-teste o sexo foi explicitamente ou implicitamente apontado como importante por todos os respondentes do grupo. Palavras como “contato”, “prazer”,

“afeto”, “cumplicidade”, “intimidade” e “conexão” foram utilizadas para justificar a importância do sexo na vida das pessoas. As participantes Ketnis e Paola citaram ainda a importância do sexo para a reprodução da espécie humana. Para Seleny Yoruite a sexualidade é importante, embora haja admitido não ter o conhecimento necessário para justificar sua resposta (Quadro 4).

Respostas Pré-intervenção	Respostas Pós-intervenção
“O sexo é importante pelo <u>contato</u> , além de proporcionar algo bom e <u>desenvolver o sentimento</u> ”. (Bruce Wayne, 20 anos).	“Como processo biológico, o sexo também é importante, pois pode proporcionar prazer de ambos e assim exercer a sexualidade. O <u>sexo</u> é importante na vida das pessoas, mas <u>não é tudo</u> ”. (Bruce Wayne. Sexo: M).
“Prazer, reprodução, afeto”. (Ketnis, 20 anos).	“Necessário, mas <u>não é necessariamente tudo</u> ”. (Ketnis. Sexo: F).
“O sexo é importante para que haja <u>cumplicidade</u> entre os parceiros e alegria as pessoas”. (Inês, 20 anos).	“O sexo é importante para que as pessoas sintam prazer e demonstre carinho, logicamente o sexo é importante, mas <u>as vezes o sexo é só algo a parte</u> . O sexo é do ser é instintivo”. (Inês. Sexo: F).
“Importante, porém não tenho mais conhecimento para completar a resposta”. (Seleny Yoruite, 19 anos).	“Importante, mas <u>não tanto</u> quanto a sexualidade”. (Seleny Yoruite. Sexo: F).
“ <u>Procriação</u> de nossa espécie e também para estabelecer uma intimidade e conexão entre parceiros”. (Paola, 24 anos).	“O sexo é importante para o <u>conhecimento do seu corpo</u> e do seu parceiro no sentido de sentir <u>prazer mútuo</u> . Sexo é importante para se fortalecer o conhecimento um do outro, para fortalecer os laços”. (Paola. Sexo: F).
“ <u>Conexão física</u> com alguém importante”. (Nazaré Tedesco, 21 anos).	“O sexo também é importante, é um dos <u>componentes da sexualidade</u> ”. (Nazaré Tedesco. Sexo: F).

Quadro 4 - Evolução dos participantes da pesquisa sobre a importância do sexo.

Quando se avaliou as respostas obtidas na fase de pós-intervenção foi observado que surgiu, nas falas dos participantes Bruce Wayne, Seleny Yoruite e Nazaré Tedesco, um elemento novo, a sexualidade, onde o sexo se configura como parte integrante dela. Para a participante Paola, para quem o sexo tinha importância para procriação e conexão física, após a intervenção passou a ser visto como parte integrante da sexualidade, envolvendo prazer mútuo e o conhecimento do corpo.

Falas semelhantes foram obtidas a partir dos dados do diário de bordo durante uma reunião em sala de aula onde foi discutido o tema amor e sexo.

“Quando você senta para conversar com a pessoa é melhor do que o sexo em si [...] quando você olha nos olhos dela e os olhinhos ficam brilhando assim [...] é muito mais gostoso” (P1, sexo F).

“O sexo é instintivo” (P2 Sexo F).

“ O amor não transforma só a gente [...] os outros também” (P3 Sexo F).

5. Você acha importante a participação da família e da escola na formação para sexualidade das pessoas? Por quê?

Esta é outra questão que obteve unanimidade dos participantes da pesquisa que definiram como importante a participação da família e da escola na educação para a sexualidade. Zaquel e Pietro passaram a compreender que esta participação contribui não apenas para o indivíduo de forma isolada, mas sim para sociedade, com mudanças no mundo e no futuro das pessoas, de vez que permite uma vivência sem preconceitos, tabus e com respeito às diversidades e às diversas formas de sentir prazer (Quadro 5).

Lady Gaga, em sua manifestação na fase de pré-intervenção, justifica a participação da família nas atividades de educação sexual tendo em vista não ser a sexualidade exclusiva da escola, sendo o meio familiar o local mais adequado para o seu exercício. Bruce Wayne avaliou que a participação da família favorece a abertura do diálogo entre pais e filhos, enquanto para Nazaré Tedesco as crianças e os jovens passam a conhecer melhor a si mesmo e aos outros.

A análise dos dados da fase de pós-intervenção revelou a reafirmação dos participantes sobre a importância do papel da família e da escola na educação para a sexualidade. Lady Gaga e Inês atribuíram essa importância ao fato de que, é nessas duas instituições que as crianças exercem sua sexualidade e socialização, conforme pode ser observado no Quadro 5.

Respostas Pré-intervenção	Respostas Pós-intervenção
“Sim, de extrema importância, pois todas as pessoas têm que abrir a mente para sexualidade e <u>quebrar todos os tabus</u> que envolvem sexualidade e quanto mais cedo melhor. Sexualidade ajuda as pessoas a se	“Sim, de extrema importância. Porque <u>quanto mais pessoas conhecer sua sexualidade, menos tabus existem no mundo, menos preconceito, mais felicidade, amor, empatia...</u> tudo que é

<p><u>conhecer e respeitar as outras pessoas</u> e toda a sua <u>diversidade</u>". (Zaquel, 22 anos).</p>	<p>sinônimo de bom". Muito feliz de participar dessa disciplina. Obrigado! (Zaquel. Sexo: M).</p>
<p>"Sim, pois só através dela que as pessoas são capazes de <u>entender</u> mais as <u>formas de prazer</u> e outras coisas importantes". (Pietro, 19 anos).</p>	<p>"Sim, pois esses ensinamentos proporcionam uma <u>melhora na qualidade de vida da sociedade inteira, quebrando tabus, preconceitos, mudando a realidade e moldando o futuro das pessoas</u>" (Pietro. Sexo: M).</p>
<p>"Sim, com essa informação, os pais poderiam evitar constrangimentos e poderiam <u>conversar</u> com seus <u>filhos</u> sobre". (Bruce Wayne, 20 anos).</p>	<p>"Sim. A participação da família e da escola é de suma importância, logo com essa participação, a <u>sexualidade</u> será bem mais <u>trabalhada com os alunos e filhos</u>. A participação é fundamental, e pode ajudar muito. Se os pais e professores entenderem a importância dariam mais valor. <u>Uma pessoa com sua sexualidade bem definida é uma pessoa que não terá problemas com isso no futuro</u>". (Bruce Wayne. Sexo: M).</p>
<p>"Sim é importante pois as crianças e jovens ao ter um entendimento básico de assuntos relacionados ao próprio <u>corpo</u>, vão se <u>conhecer melhor, e o outro também</u>". (Nazaré Tedesco, 21 anos).</p>	<p>"É importante, pois <u>não cria nenhuma barreira no desenvolvimento do aluno</u> em todas as fases da vida". (Nazaré Tedesco. Sexo: F).</p>
<p>"Sim, porque a <u>sexualidade não é algo exclusivo da escola</u>, pelo contrário, a sexualidade estar em todos os lugares e o <u>meio familiar é onde a sexualidade deveria ser melhor exercitada</u>". (Lady Gaga, 21 anos).</p>	<p>"Sim, a formação da <u>sexualidade começa ainda no corpo da mãe</u>, por isso a família deve continuar presente durante o desenvolvimento, principalmente em <u>conjunto com a escola onde as crianças exercem toda a sua socialização</u>". (Lady Gaga. Sexo: F).</p>
<p>"Sim, acho muito importante, pois é necessário que exista uma <u>quebra de tabu</u> e <u>que exista conversas com a família</u> para esclarecer dúvidas que as pessoas tenham". (Inês, 20 anos).</p>	<p>"Sim, é de fundamental importância que a <u>família fale e exercite a sexualidade</u> para que ocorra uma maior informação e que se tenha respeito. <u>A escola também tem papel fundamental para, também, repassar informação e ensinar as pessoas a se conhecerem em relação ao corpo e a mente</u>. O alto conhecimento gera respeito. Além disso, a <u>sexualidade também é exercida na escola</u> e é lá que muitos adolescentes se descobrem sexualmente". (Inês. Sexo: F).</p>

Quadro 5 - Evolução dos participantes da pesquisa sobre a importância da participação da família e da escola na formação para sexualidade.

Bruce Wayne alerta para a necessidade de que pais e professores entendam a importância da educação para a sexualidade, já que, dessa forma, ela será melhor trabalhada com os alunos e filhos. A participante Inês observa que o papel da escola se torna ainda mais importante pelo fato de que o conhecimento gera respeito e que, é na escola, que muitos adolescentes se descobrem sexualmente. Lady Gaga observou que a sexualidade se inicia ainda durante a vida intrauterina, o que leva a família a assumir seu papel educador, em conjunto com a escola.

“A participação da família e da escola é de suma importância, logo com essa participação, a sexualidade será bem mais trabalhada com os alunos e filhos. A participação é fundamental, e pode ajudar muito. Se os pais e professores entenderem a importância dariam mais valor. Uma pessoa com sua sexualidade bem definida é uma pessoa que não terá problemas com isso no futuro”. (Bruce Wayne, 20 anos).

“Sim, é de fundamental importância que a família fale e exercite a sexualidade para que ocorra uma maior informação e que se tenha respeito. A escola também tem papel fundamental para, também, repassar informação e ensinar as pessoas a se conhecerem em relação ao corpo e a mente. O alto conhecimento gera respeito. Além disso, a sexualidade também é exercida na escola e é lá que muitos adolescentes se descobrem sexualmente”. (Inês, 20 anos).

“Sim, a formação da sexualidade começa ainda no corpo da mãe, por isso a família deve continuar presente durante o desenvolvimento, principalmente em conjunto com a escola onde as crianças exercem toda a sua socialização”. (Lady Gaga, 21 anos).

A educação sexual promove um contexto reflexivo sobre atitudes positivas e negativas no exercício da sexualidade, levando a criação da autoconsciência sobre o tema e fazendo com que os jovens possam refletir sobre suas práticas (MOREIRA, 2020).

6.3.1. Produto educacional como resultado do ensino e aprendizagem

No decorrer da intervenção, os conteúdos sobre sexualidade foram discutidos e refletidos por meio de palestras, rodas de conversas, exposição de vídeos e oficinas pedagógicas. As oficinas foram registradas por meio de fotografias, observando-se os seguintes temas:

– **Responsabilidade e gravidez.**

Antes do início das atividades foram entregues três balões e três ovos crus a seis alunos presentes na sala de aula, determinados por sorteio. Os alunos ficaram durante toda a dinâmica segurando ovos e com o balão sob a camisa, como se fosse uma barriga de gravidez.



Figura 3 - Responsabilidade e gravidez.

Após a abordagem sobre o conhecimento do corpo e do ciclo hormonal, a professora titular abriu uma discussão, perguntando o que os alunos/participantes sentiram guardando o ovo e a suposta barriga de gravidez (Fig. 3).

– Gravidez na adolescência: um contexto biológico, psicológico e social.

Essa oficina mobilizou a totalidade da turma, explorando as dimensões biológica, psicológica e social da sexualidade. Durante a dinâmica, balões foram utilizados para a simulação da gravidez (Fig. 4), a exemplo do que ocorreu na primeira atividade. A participante em comoção ao saber que está “grávida” (Fig. 5). Após

encenação a professora convida a turma para reflexões sobre a experiência vivida na encenação.



Figura 4 - Gravidez na adolescência.



Figura 5 - Gravidez na adolescência.

Por fim, para atender ao objetivo proposto, os conteúdos e as oficinas pedagógicas ministradas na disciplina “Sexualidade e Desenvolvimento Humano”, foram organizadas e transformada em um produto educacional, no sentido de contribuir na

formação dos docentes, sujeitos desta pesquisa, e dos demais educadores (as) da educação básica.

Assim, o produto intitulado Guia do professor e da professora: “Trilhando o caminho da sexualidade” (Apêndice C) surgiu pela necessidade evidenciada nesta pesquisa de mestrado, em que os sujeitos da pesquisa relataram ser necessário a aplicação de conteúdos teórico e prática sobre conteúdos relacionados a sexualidade, na formação dos docentes da educação básica.

7. CONFECÇÃO E AVALIAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL

Para o desenvolvimento do produto educacional seguiu-se os seguintes passos, com forme (RIZZATI, 2020): Etapa 1. Levantamento do referencial teórico metodológico, definição do público-alvo e objetivos. Dessa forma trabalhamos com autores como: FOUCAULT, 2018; BONFIM, 2012; FIGUEIRÓ, 2014 e FREIRE, 2011. Para trabalhar com discentes de licenciatura e professores (as) da educação básica com objetivo de ampliar as concepções em relação à Sexualidade e à Educação Sexual na Escola.

Etapa 2. Análise e síntese, que corresponde à organização das informações que levam ao desenvolvimento dos parâmetros do produto. Essas informações foram embasadas nas pesquisas do trabalho relacionado, bases teóricas, metodológicas e necessidades do público-alvo.

Etapa 3. Prototipagem do produto: O produto se apresenta com formato de Guia por se adequar ao objetivo da pesquisa. Nessa fase começamos a definir como seria delineado esse trabalho e de que forma seria apresentado. Dessa forma, o produto se apresenta no formato digital com possibilidade de ser impresso. Contendo uma breve apresentação, introdução, objetivos gerais e específicos, explanação sobre o conteúdo de sexualidade envolvendo aspectos histórico, conceitos e as dimensões da sexualidade, na sequência tem a indicação de links com QR code, onde os (as) professores (as), na versão impressa, poderão acessar os seguintes temas: fases de desenvolvimento da sexualidade humana, educação sexual na escola e ainda, gênero e sexualidade. Por último, as práticas educativas como proposição para o desenvolvimento dos trabalhos com oficinas. Após o

término do piloto, enviamos a um profissional para realizar a diagramação e produção final.

Etapa 4. Avaliação do produto: essa fase corresponde à validação em primeira instância e foi realizada com o público-alvo no decorrer da intervenção. Na sequência, realizamos uma avaliação de maneira quantitativa. Para isso o Guia e um link que deu acesso ao questionário/formulário do *Google forms* foram enviados através de um grupo de WhatsApp aos seus avaliadores. Preferimos a avaliação virtual, pois ainda estamos na pandemia do Corona vírus, o que inviabiliza os encontros presenciais.

Assim, dos 16 discentes que participaram da pesquisa, apenas 03 não responderam ao formulário de avaliação do produto educacional. Verificamos que o número foi satisfatório e que nos auxiliou nessa primeira fase de validação do produto educacional. Para critério da pesquisa, o ideal para futuros trabalhos será a aplicação do Guia com professores atuantes na educação básica, das escolas públicas de Rio Branco, para que possamos ver, com um pouco mais de nitidez, um acompanhamento melhor do trabalho.

Dessa forma, através do formulário chegamos aos seguintes dados: sobre o primeiro questionamento, 12 (92,3%) discentes consideraram que o guia mediador apresenta, clara e objetivamente, a forma de desenvolvimento e análise das estratégias propostas. E quando indagados se consideravam as práticas propostas no Guia adequadas para os objetivos que se propõem, 13 (100%) dos participantes responderam que sim. Além disso, 100% dos entrevistados também disseram que utilizaria em sua prática docente o Guia apresentado, conforme podemos verificar na figura 6.

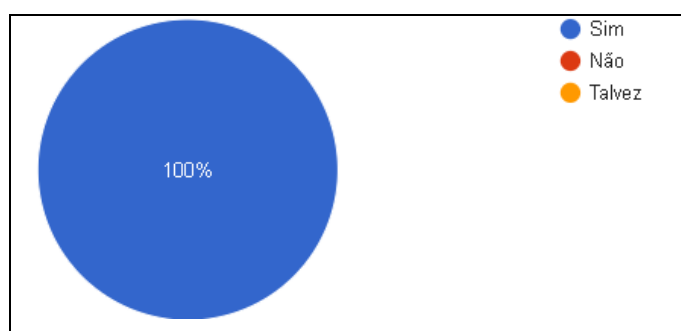


Figura 6 – Utilização do guia na pratica docente

Além disso, em outros questionamentos sobre se o Guia facilita a aprendizagem docente sobre sexualidade, 12 (92,3%) discentes afirmaram que sim, que facilita.

Também foi questionado se o discente acredita que o Guia será de fácil aplicação nas suas aulas ou nos demais espaços escolares, 10 (76,9%) afirmaram que sim.

Quanto a aquisição de acesso ao guia e seu grau de inovação 13 (100%) participantes afirmaram que o Guia é de fácil aquisição e 7 (53,8%) participantes consideram que o Guia apresenta alto grau de inovação e 6 (46,2%) participantes consideram de médio grau de inovação, conforme ilustra a figura 7.

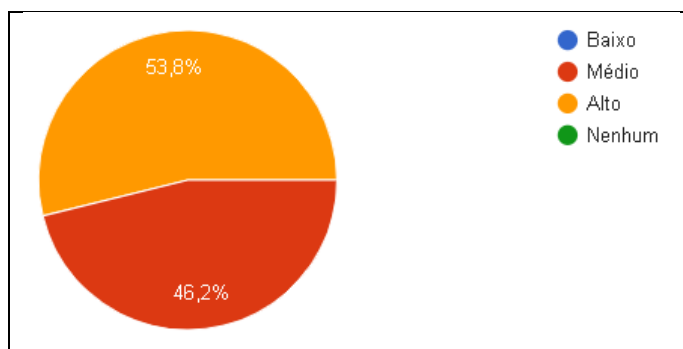


Figura 7 – Grau de inovação do produto educacional

Por fim, foi solicitado que os participantes destacassem suas considerações importantes, 3 (três) participante exploram suas considerações, que podemos verificar nas falas abaixo:

- *“Esse guia é muito importante e simples de ser executado, pois ajuda no processo de aprendizagem do aluno de uma forma mais interessante e instiga a participação e compreensão do aluno”.*

- *“As atividades proposta são ótimas, fazendo com que o aluno tenha toda uma compreensão do assunto. O custo material melhor ainda, praticamente zero”.*

- *“Gostaria de deixar registrado que a proposta é ótima e será bem-vindo no meio acadêmico e será um ótimo material de apoio aos professores”.*

Portanto, esse processo de validação do produto educacional nos demonstrou que houve uma receptividade dos discentes da UFAC a utilizarem o material e que o consideraram uma prática adequada, que facilita a prática docente, que instiga a participação do aluno, de fácil aquisição e de baixo custo para o docente. Dessa forma, o Guia do professor e da professora demonstrou ser viável na aquisição de conhecimento e

prática docente sobre a temática sexualidade na educação sexual intencional no ambiente escolar.

8. CONCLUSÕES

O presente estudo evidenciou, entre os estudantes sujeitos da pesquisa, a evolução do conhecimento por eles apresentados com relação à sexualidade, bem como a importância que representa, para sua formação, a inclusão de conteúdos concernentes ao tema.

No primeiro momento constatou-se que alguns dos alunos matriculados já chegaram na disciplina demonstrando um bom nível de conhecimento sobre o conceito e a importância da sexualidade e do sexo, portanto, com muitas potencialidades de evolução no aprendizado. Tal situação deve-se ao fato de que os mesmos já haviam participado de alguma atividade prévia no campo da sexualidade. Outros, porém, eram iniciantes

No segundo momento, na análise pré e pós-intervenção, referente ao conceito de sexualidade e do sexo, foram identificados três grupos com diferentes conceitos de sexualidade: no primeiro grupo, na análise do questionário de pré-intervenção, foi evidenciada a negação ou omissão da palavra prazer.

Após a intervenção, esse grupo passou a acrescentar, no conceito de sexualidade, a palavra prazer ou um sinônimo; já no segundo grupo, a sexualidade passou de um conceito sexista/biologista para um conceito mais profundo, como amor, motivação, evolução e sensações; no terceiro grupo o conceito de sexualidade, que antes só tinha dimensão psicológica, passou a ter dimensões biológica e social. Sobre o conceito de sexo, o estudo evidenciou que os participantes adquiriram um novo pensar. Os que, no início do estudo, conceituavam o sexo como ato sexual, o prazer físico ou a identificação da genitália, após a intervenção passaram a conceituá-lo, também, como elemento integrante da sexualidade.

No que tange à evolução da concepção dos participantes referente à importância da sexualidade e do sexo, podemos considerar que houve evolução significativa, onde o estudo evidenciou três concepções sobre a importância da sexualidade.

Na primeira, onde a importância da sexualidade estava voltada para o prazer, o afeto e o cuidado com o outro, após a intervenção evoluiu para o autoconhecimento e o “olhar” para si; na segunda, onde na análise pré-intervenção o participante não sabia expressar a importância da sexualidade, após intervenção passou a compreender a sexualidade como parte integrante do indivíduo, mais importante que o sexo, já que a sexualidade está ligada à autovalorização, à quebra de tabus e à liberdade; na terceira concepção, antes da intervenção, a sexualidade tinha importância para refletir e para respeitar as pessoas e após a intervenção evoluiu para melhorar a qualidade de vida e o convívio com as pessoas.

Sobre a palavra sexo, ficaram evidenciados dois grupos com concepções e evolução distintas: no primeiro grupo, o sexo, que antes tinha fundamental importância para o desenvolvimento dos sentimentos, afetos, prazer e cumplicidade, após a intervenção, passaram a compreender que esses atributos fazem parte da sexualidade e não do sexo. Assim, sexo passou a ter menor importância que a sexualidade; no segundo grupo, o sexo, que tinha importância para a procriação e a conexão física, após a intervenção passou a ser visto como parte integrante da sexualidade, envolvendo prazer mútuo e o conhecimento do corpo.

Quanto à participação da família e da escola na formação para sexualidade, no estudo foram identificados três grupos de participantes com reflexões e evolução distintas: no primeiro grupo, os participantes passaram a compreender que a participação da família e da escola na educação sexual das pessoas contribui, não apenas para o indivíduo de forma isolada, mas sim, para sociedade, com mudança no mundo e no futuro das pessoas, convivendo sem preconceitos, tabus e com respeito às diversidades das pessoas e às diversas formas de sentir prazer. Para o segundo grupo, a participação da família e da escola na educação sexual foi vista como importante para abrir diálogo, conhecer melhor os outros e a si mesmo. Após intervenção, foi compreendido que a vivência da sexualidade de forma saudável na infância, influencia na eliminação de problemas no futuro; por fim, para os participantes do terceiro grupo, após intervenção, a importância da participação da família e da escola foi reafirmada, com a compreensão que é no meio familiar e escolar que as crianças exercem sua sexualidade e socialização.

O estudo evidenciou que os alunos de Licenciatura em Ciências Biológicas, matriculados na disciplina Sexualidade e Desenvolvimento Humano passaram de forma gradual de um estado de conhecimento a outro, indicando a importância da existência

dessa disciplina, bem como a eficácia da aplicação dos conteúdos sobre sexualidade e metodologia ministrado nas aulas.

Por fim, diante dos dados apresentados neste estudo, pode-se pensar em uma forma mais concreta de contribuir, no aprendizado e na prática docente, desses (as) participantes, futuros professores e professoras.

9. REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A Formação do Espírito Científico**: Contribuições para uma Psicanálise do Conhecimento. Tradução de Estela dos Santos Abreu. 4.^a reimpressão, Editora Contraponto, 2003.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto Editora, 1994.

BONFIM, Claudia. **Desnudando a Educação Sexual**. Campinas – SP: Papyrus. 2012, 144p.

BRAGA, Mariana. Direito a Educação em Sexualidade e Relações de Gênero no Brasil: Parâmetros legais para atuação nas escolas. In: **V CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO SEXUAL**, Londrina, 1 a 3 de novembro de 2018.

BRASIL. Lei Federal 8.069/1990. **Estatuto da Criança e Adolescente**. ECA.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Versão 2018. 472p.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ciências Naturais / Secretaria de Educação Fundamental**. Londrina, 1 a 3 de novembro de Brasília: MEC /SEF, 1998.

BRASIL. MEC / Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental / Temas transversais. Brasília: MEC, 1998.

CHAER, Galdino *et al.* A técnica do questionamento na pesquisa educacional. **Revista Evidencia**, Araxá, v.7, p.251-266,2011. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/maio2013/sociologia_artigos/pesquisa_social.pdf Acesso em 22 de fev. de 2021

COSTA, Ronaldo Paloma de. **Os onze sexos**: as múltiplas faces da sexualidade humana. 4^o ed. São Paulo: editora Kondo, 2005.

- CRESWELL, John W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa**: escolhendo entre cinco abordagens. Trad. Sandra Mallmann da Rosa. 3º ed. Porto Alegre: editora Penso, 2014. 341p.
- EGYPTO, Antônio, Carlos. (Org.). **Orientação sexual na Escola**: um projeto apaixonante. São Paulo: Cortez, 2012.
- FARIAS, M. S F.; MENDONÇA, A. P. **Imagem elaborada no Grupo de Trabalho Produto Educacional da Área de Ensino da CAPES**. Brasília, set. 2019.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 43º ed. São Paulo: Paz e terra, 2011,143p.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50 eds. rev., e atual. São Paulo: Paz e terra, 2011,253p.
- FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Trad. Lilian L, M. 2ª ed. rev., e atual. São Paulo: Paz e terra, 111p.
- FIGUEIRÓ, Mary, Neide, Damico. (Org.) **Educação sexual**: múltiplos temas, compromisso comum. Londrina: UEL, 2009.
- FIGUEIRÓ, Mary, Neide, Damico. **Educação sexual**: retomando uma proposta, um desafio. 3 eds. ver., e atual. Londrina: Eduel, 2010,260p.
- FIGUEIRÓ, Mary, Neide, Damico. **Educação sexual no dia a dia**. Londrina: Eduel, 2013. 218p.
- FIGUEIRÓ, Mary, Neide, Damico. **Formação de Educadores Sexuais**: adiar não é mais possível. 2 ed. Londrina: Eduel, 2014, 400p.
- FOUCAULT, M. **História da Sexualidade**: a vontade de saber. 7ed. Rio de Janeiro: Graal, 2018.
- FREITAS, Dilma, Lucy de. Pressuposto de uma formadora em Educação Sexual: lições de prática. Que Rastros Temos Deixado no Caminho? **CONTEXTO & EDUCAÇÃO**. Ano 27. Nº88. P35-61. Jul/dez. 2012.
- FREITAS, Francisca, Estela, Lima. **O Autoconhecimento do Corpo e a Sexualidade em Adolescentes Grávidas no Município de Rio Branco – Acre- Brasil**. São Paulo: Centro Universitário Salesiano de São Paulo, 2016. 25p.
- FURLANI, Jimena. **Educação Sexual na sala de aula**: relações de gênero, orientação sexual, e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011. 190p.
- FURLANI, Jimena. **Educação Sexual na sala de aula**: relações de gênero, orientação sexual, e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças. Belo

Horizonte: Autêntica Editora, 2017. Encontrado em:
https://www.google.com.br/books/edition/Educa%C3%A7%C3%A3o_sexual_na_sala_de_aula/mzdIDgAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=1&printsec=frontcover. Acessado em janeiro de 2019.

GARTON, Stephen. **História da Sexualidade:** da antiguidade à revolução sexual. Trad.: Mário J. Felix. Lisboa: Estampa. 2009. 382p.
GIL, Antônio, Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4.ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar:** como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Record, 2001.

GOMES, Andréa Regina Carvalho de. **A dialética da sexualidade e da educação sexual na formação de docentes.** 2016, 190f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Mestrado em Educação, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Francisco Beltrão. Disponível em:
<http://e-revista.unioeste.br/index.php/fazciencia/article/view/13823>. Acessado em 28 de dezembro de 2018.

JUNIOR, Paulo, Souza. A questão de gênero, sexualidade e orientação sexual na atual base nacional comum curricular (BNCC) e o movimento LGBTTQIS. **Revista de Gênero, Sexualidade e Direito.** ISSN: 2525-9849: Salvador. v. 4. Nº 1. p. 1 – 21, Jan/jun. 2018.

LEVKOFF, Logan. **Como falar de sexo com seus filhos:** o que eles estão aprendendo hoje e como ensiná-los a ter uma vida sexual saudável. São Paulo: Editora Gente, 2008, 231p.

LUDWING, A, C, W. Metodologia de pesquisa em educação. **Revista temas em educação.** João Pessoa, v. 23, n.2, p,204-233, jul. /dez.2014. Disponível em
<http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/rteo>. Acessado em 05 de janeiro de 2021.

MAGALHÃES, Cristianne. **Dinâmicas de grupo sobre sexualidade:** atividades para trabalhar com adolescentes. Rio de Janeiro: Wak Editora. 2011, 236p.

MANCHINI, I. J. D. A sexualidade silenciada no ambiente escolar e as contribuições da série sex education. **RPGE– Revista on line de Política e Gestão Educacional,** Araraquara, v. 24, n. esp. 3, p. 1780-1792, dez., 2020. e-ISSN: 1519-9029. DOI:
<https://doi.org/10.22633/rpge.v24iesp3.14276>. Disponível em:
file:///C:/Users/conce/Downloads/6-14276-revisado-ft.pdf. Acessado em 16 de março de 2021.

MARTINES, E. A. L. de M., & Rossarolla, J. N. (2018). Sexo e sexualidade: tabu, polêmica ou conceitos polissêmicos? Reflexões sobre/para a formação de educadores. **Revista Exitus,** 8(2), 273-299. <https://doi.org/10.24065/2237-9460.2018v8n2ID537>.

MEL, O, Q. Em um ano, Acre registrou 60 denúncias de abuso e 14 de exploração sexual de crianças e adolescentes pelo disque 100. **G1 AC- portal de notícias da Rede**

Globo no Acre. Ano 2006. 16h12. 17 de maio de 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/ac/acre/noticia/acre-e-o-2-estado-com-maior-n-de-denuncias-de-abuso-sexual-contra-criancas-e-adolescentes-do-sexo-feminino.ghtml>. Acesso em 18 de nov, de 2018.

MEC. Resolução nº 2, de 1º de julho de 2015. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/escola-de-gestores-da-educacao-basica/323-secretarias-112877938/orgaos-vinculados-82187207/21028-resolucoes-do-conselho-pleno-2015>. Acesso em 02 de junho de 2021.

MOREIRA, M., Maia, A. & Jacinto, H. Educação Sexual nas escolas: concepções e práticas de professores. **Revista Psicologia e Educação On-Line.** Vol. 3, Nº 1, 47 – 54. 2020. Encontrado em: https://www.researchgate.net/profile/Ana-Claudia-Maia/publication/342026169_Educacao_Sexual_nas_escolas_pdf. Acessado em: 21 de mar de 2021.

NASCIMENTO, Maria, Vanária. *Et al.* **O que sabem os adolescentes do ensino básico público sobre o HPV.** Semana: Ciências Biológicas e da Saúde, Londrina, v. 34, n. 2, p. 229-238, jul. /dez. 2013. DOI: 10.5433/1679-0367.2013v34n2p229.

PENA, A, L. **Narrativas autobiográficas e formação de educadores sexuais.** 2015, 137f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências) - Instituto de Ciências Biológicas, Universidade de Brasília (UnB). Brasília, DF. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/18720/1/2015_AndreiaLelisPena.pdf. Acessado em 29 de dezembro de 2018.

RIZZATTI, Maria *et al.* **Os produtos e processos educacionais dos programas de pós-graduação profissionais:** proposições de um grupo de colaboradores. ACTIO, Curitiba, v. 5, n. 2, p. 1-17, mai. /ago. 2020. Encontrado em: <http://periodicos.utfpr.edu.br/actio>. Acessado em 21 de abr. de 2021.

RIBEIRO, Marcos. (Org.). **O prazer e o pensar:** orientação sexual para educadores e profissional de saúde. São Paulo: Gente: Cores, 1990. 2 v.

SEVERIANO, A. J. **Metodologia de trabalho científico.** 23.ed. São Paulo: Cortez, 2007.304 p. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3480016/mod_label/intro/SEVERIANO_Metodologia_do_Trabalho_Científico_2007.pdf. Acesso em: 26 out. 2020.

SILVA, Lucia Rejane Gomes da. **Sexualidade e orientação sexual na formação de professores:** uma análise da política educacional. 2010. 153 f. Tese (doutorado em educação escolar) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara SP. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/104785>. Acessado em 28 de dezembro de 2018.

SILVA, Maria, Conceição, Nogueira da. Sexualidade: o conhecimento do corpo como educação emancipatória. In: **Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade.** Nº 7. 2018: Rio

Grande, RS. VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e sustentabilidade, Rio Grande: Ed. da FURG, 2018. Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br>. Acessado em 10 de fevereiro de 2019.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez & Autores Associados, 1998.

TUCKMANTEL, M. M. **Educação Sexual: Mas, qual? Diretrizes para a Formação de Professores na Perspectiva Emancipatória**. 2009. 401f. Tese (doutorado em educação) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, SP. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/251727>. Acessado em 28 de dezembro de 2018.

UFAC – disponível

<https://www.google.com/search?q=ufac%20cursos%202018&ved=2ahUKEwi8qNqz5J7hAhVtDrkGHbvbDsMQmoICKAR6BAgMEAw&biw=1280&bih=610>. Acessado em 03 de março de 2019.

10. APÊNDICES

APÊNDICE A – CONCEITO DE SEXO E SEXUALIDADE

Conceito de sexualidade e do sexo	
Declarações significativas	Unidade de Significado
<p>“Sexualidade é o carinho, o respeito. É ser você em todos os sentidos”.</p> <p>“O ato do sexo é estimular o prazer genital. Mas o sexo também é identidade”. (Lady Gaga, 21anos. Sexo: F)</p>	<p>A sexualidade vai além do carinho e do respeito, ampliando em dimensões não citada.</p> <p>O sexo é visto como estimulação do prazer no corpo é identidade.</p>
<p>“Sei que sexualidade não é só sexo e que sexo não é o principal do termo sexualidade. Creio que sexualidade abrange todas as nossas conexões biológicas, mentais, química etc. Que temos com nós mesmos e com as outras pessoas”.</p> <p>“Sexo é um momento íntimo entre duas pessoas e não está ligada só aos órgãos genitais utilizados por essas duas pessoas em um ato sexual. Sexo envolve entrega para pessoa com que se estar relacionando, envolve confiança, envolve</p>	<p>A sexualidade é compreendida em suas dimensões biológica, psicológica e social. E o sexo sendo integrante da sexualidade.</p>

<p>está se conhecendo a si, ao outro e ao próprio corpo. “É algo que requer questões não só física, mas principalmente mentais”. (Zaquel, 22 anos. Sexo: M)</p>	
<p>[Sexualidade] “É a maneira que as pessoas usam para compartilhar sentimentos, ideias e emoções, discursões e diálogos respeitando os seres do jeito que eles são no meio social e cultural.”</p> <p>“O sexo na minha opinião é somente o “ato sexual”, muito importante para todas as pessoas tanto biologicamente quanto para satisfação do prazer tal como entendemos. Sexo em um relacionamento envolve o respeito, ajuda o companheiro (a) e entender os momentos do casal como essenciais para uma boa relação em toda sua plenitude”. (Joãozinho, 20 anos. Sexo: M)</p>	<p>A sexualidade não é compreendida em sua dimensão biológica.</p> <p>O sexo é unicamente o ato sexual, contemplando os corpos e o prazer que ele pode proporcionar.</p>
<p>[Sexualidade] “Um conjunto de temas que aborda sexo, concepção, orientação sexual etc.”.</p> <p>[Sexo] “É um ato capaz de potencializar prazer físico e psicológico as pessoas”. (Pietro, 19 anos. Sexo: M).</p>	<p>Sexualidade é vista como reunião de temas relacionado ao sexo.</p> <p>Sexo é o máximo do prazer físico e psicológico.</p>
<p>“Sexualidade é conhecer a mente e o corpo, é o contato com o próximo, seja um abraço, seja um beijo, é saber respeitar as escolhas do outro, independente da sua”.</p> <p>“O sexo está relacionado com o biológico, nasce com o indivíduo”. (Margô, 21 anos. Sexo: F)</p>	<p>Sexualidade é o conhecimento biológico, contato e respeito pelo outro.</p> <p>Sexo é visto como o biológico de nascença.</p>
<p>[Sexualidade] “É tudo que dar prazer na vida, é o alto conhecimento do próprio corpo e etc.”.</p> <p>“Sexo é o ato físico, entre duas ou mais pessoas”. (Nazaré Tedesco, 21 anos. Sexo: F)</p>	<p>Sexualidade está ligada aos prazeres da vida, e ao conhecimento de si mesma.</p> <p>Sexo é entendido como ato físico entre pessoas.</p>
<p>“Sexualidade é tudo aquilo que você faz que te proporciona prazer”.</p> <p>“Sexo é o ato sexual propriamente dito”. (Paola, 24 anos. Sexo: F)</p>	<p>Sexualidade está ligada ao prazer na vida.</p> <p>Sexo é entendido como ato sexual.</p>
<p>[Sexualidade] “É a externalização de sentimentos e desejos. Onde para cada pessoa ela se diferencia”.</p> <p>[Sexo] “União física entre duas pessoas com desejos semelhantes com intenção de obter prazer”. (Carol Danvers, 22 anos. Sexo: F)</p>	<p>Sexualidade está relacionada aos sentimentos e desejos distintos existente nas pessoas.</p> <p>Sexo é a união física entre duas pessoas que tem os mesmo desejo de buscar prazer.</p>

<p>“Sexualidade envolve basicamente o nosso corpo, as diferenças que tem no corpo”.</p> <p>“O sexo é um ato que envolve a atração entre pessoas que se relacionam fisicamente”. (AO, 22 anos. Sexo: F)</p>	<p>Sexualidade é compreendida apenas na dimensão biológica.</p> <p>Sexo é entendido como atração física.</p>
<p>“Ao meu ver, sexualidade se diz respeito a tudo aquilo que confere prazer como assistir um filme, sexo, dormir, etc. Porém respeitando a individualidade de cada um”.</p> <p>“Sexo é uma forma de reprodução que ajuda na perpetuação da maioria dos seres vivos”. (Tábata, 22 anos, Sexo: F)</p>	<p>Sexualidade é tudo que proporciona prazer e respeito ao outro.</p> <p>Sexo é visto como forma de reprodução e perpetuação das espécies.</p>
<p>“Sexualidade para mim, tem a ver como você se relaciona com as outras pessoas e com as diferenças que elas possuem”.</p> <p>“Sexo, é não só um fator biológico como também como nos vemos”. (Seleny Yoruite, 19 anos. Sexo: F)</p>	<p>Sexualidade é compreendida como relacionamento entre pessoas e suas diferenças.</p> <p>Sexo é compreendido como fator biológico e autoconhecimento.</p>
<p>[Sexualidade] “O estudo do sexo e seus relacionamentos”.</p> <p>[Sexo] “Masculino e feminino”. (Ketnis, 20 anos. Sexo: F)</p>	<p>Sexualidade é o aprendizado sobre sexo.</p> <p>Sexo é compreendido como masculino e o feminino.</p>
<p>[Sexualidade] “Sinceramente, eu não sei, mas acho que está relacionado ao sexo e, além disso, está relacionado à convivência entre as pessoas”.</p> <p>“Sexo seria o ato físico entre pessoas, tanto para reprodução quanto para busca de prazer. Além disso, sexo, também pode ser as características corporais para diferenciar macho e fêmea”. (Inês, 20 anos. Sexo: F)</p>	<p>Sexualidade estar relacionado ao sexo e a convivência entre pessoas.</p> <p>Sexo é definida como ato físico, meio de reprodução, busca de prazer, macho ou fêmea.</p>
<p>“A sexualidade ela fundamental para conhecer a pessoa como também seus pensamentos e seu comportamento”.</p> <p>“O sexo ele importante tanto ajuda as pessoas a conhecer a si mesma e a entender o que se passa com as outras pessoas; também ajuda o respeitar”. (João Pedro, 28 anos. Sexo: M)</p>	<p>Sexualidade como requisito para conhecer pensamento e comportamento das pessoas.</p> <p>Sexo é visto como alto conhecimento, compreender e respeitar as outras pessoas.</p>
<p>“Sexualidade envolve tudo que dar prazer, desde a barriga da mãe até a morte”.</p> <p>“Sexo é o ato físico que pode ou não ter penetração, com pessoa do outro mesmo sexo ou do mesmo”. (Nicole, 21 anos. Sexo: F)</p>	<p>Sexualidade está relacionada aos prazeres vivido em toda existência do indivíduo.</p> <p>Sexo é visto como atos físicos entre pessoas heterossexuais ou homossexuais.</p>

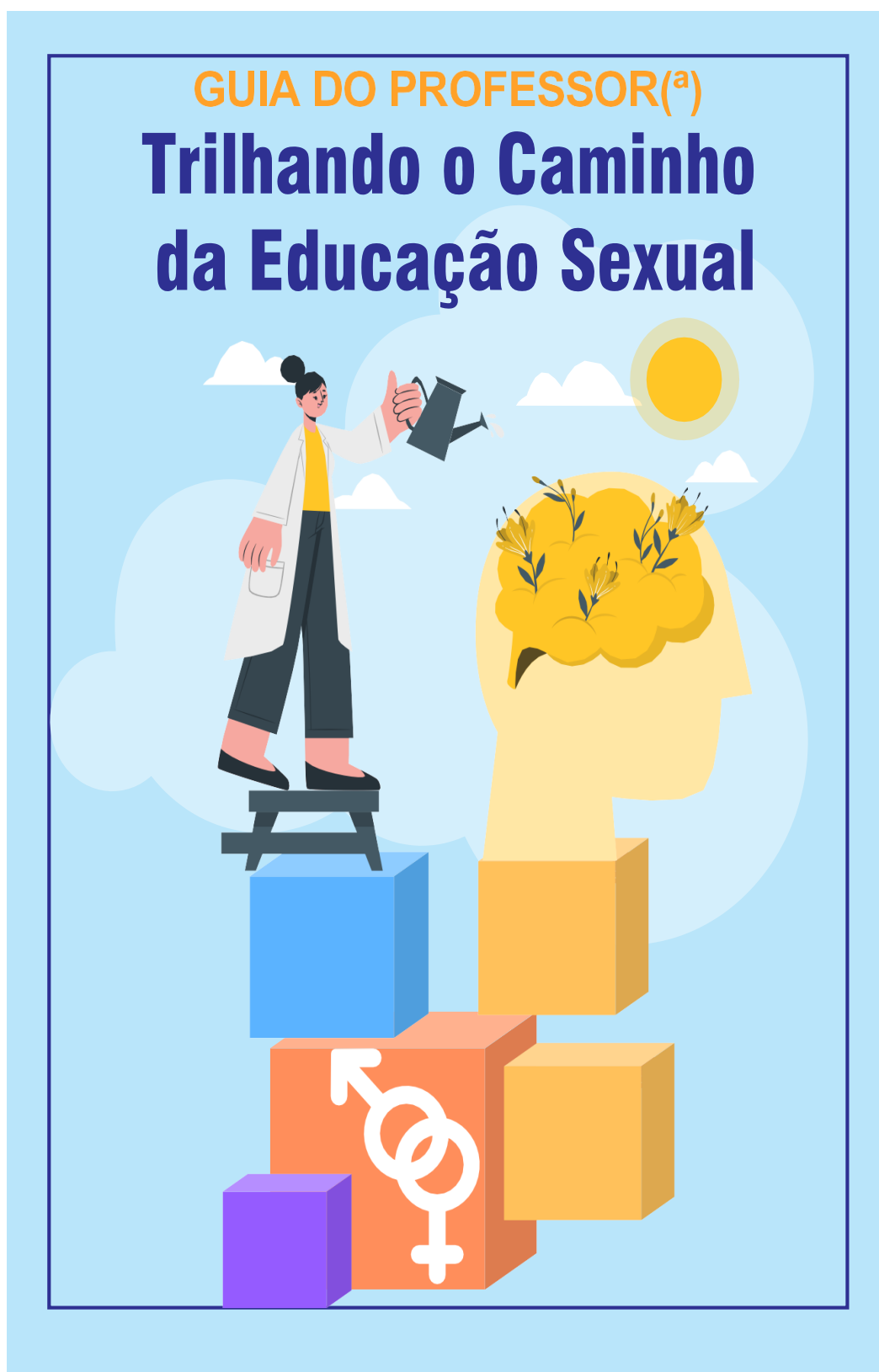
<p>[Sexualidade] “É toda ação e comportamento que contribui para a formação do ser humano enquanto pessoa dentro de um contexto maior. É muito abrangente e de suma importância para o ser humano”.</p> <p>“Sexo é um ato entre parceiros onde geralmente há sentimentos e pode ser algo muito maior. Não é uma simples penetração”. (Bruce Wayne, 20 anos. Sexo: M)</p>	<p>Sexualidade é ação e comportamento que leva a formação do indivíduo em amplo contexto.</p> <p>Sexo não é só penetração entre corpos, envolver parcerias e sentimentos.</p>
--	---

APÊNDICE B – IMPORTANCIA DA SEXUALIDADE E DO SEXO

Importância da sexualidade e do sexo	
Declarações significativas	Unidade de Significado
<p>“Sexualidade é importante para sentimos prazer, afeto, cuidado com as outras pessoas”.</p> <p>“O sexo é importante tanto para propagação da espécie, quanto para o prazer próprio”. (Nicole. Sexo: F).</p>	<p>Sexo e sexualidade são importante para obtenção de sentimento de prazer e afeto.</p>
<p>“Como mencionado nas questões anteriores, a sexualidade é muito importante na formação dos seres humanos. É muito importante entender tudo que compreender a sexualidade e ajuda para evitar discriminações e preconceito por falta de sabedoria”.</p> <p>“O sexo é importante pelo contato, além de proporcionar algo bom e desenvolver o sentimento”. (Bruce Wayne. Sexo: M).</p>	<p>Sexualidade tem importância na formação das pessoas. Compreender sexualidade previne tabus e preconceito. O sexo é importante no desenvolvimento de sentimento.</p>
<p>[Sexualidade] “É um assunto muito importante na vida de todo casal”. (João Pedro. Sexo: M).</p> <p>“O sexo é fundamental na vida das pessoas, ele ajuda a respeitar e ajuda a compreender cada uma delas”. (João Pedro. Sexo: M)</p>	<p>Sexualidade tem importância na vida do casal.</p> <p>O sexo é fundamental na vida das pessoas, contribui com respeito e a compreensão das pessoas.</p> <p>O participante valoriza demais o sexo em relação à sexualidade</p>
<p>[Sexualidade] “Sei que é de extrema importância, porém ainda não sei expressar bem qual essa importância, e creio que seja indispensável”.</p>	<p>Sexualidade tem muita importância, é indispensável.</p> <p>O participante não falou com clareza sobre a importância da sexualidade. E não soube explicar importância do sexo.</p>

<p>“Sexo envolve hormônios, mente, questões culturais, sociais, psicológicos, enfim envolve tudo que representa um ser humano e sendo assim é muito importante para a maioria das pessoas, todavia para alguns grupos não tem tanto importância”. (Zaquel. Sexo: M)</p>	
<p>[Sexualidade] “Prazer, se sentir bem e querido”. “Prazer, reprodução, afeto”. (Ketnis. Sexo: F)</p>	<p>Sexualidade é importante para sentir prazer e ser querido (a). Sexo é importante pra sentir prazer, afeto e reprodução.</p>
<p>[Sexualidade] “Muito importante, pois é a partir dela que o caráter se molda”. [Sexo] “Importante, porém não tenho mais conhecimento para completar a resposta”. (Seleny Yoruite. Sexo: F)</p>	<p>Sexualidade é importante para moldura do caráter. A participante não soube explicar a importância do sexo.</p>
<p>[Sexualidade] “Ela possui bastante importância, pois através dela tentamos nos compreender e respeitar a nós mesmas e as outras pessoas quando a exercemos”. “O sexo faz parte da sexualidade do ser humano, pois ele é prazeroso”. (Tábata. Sexo: F)</p>	<p>Sexualidade é importante para exercemos autocompreensão e o auto respeito. Sexo é importante porque faz parte da sexualidade.</p>
<p>[Sexualidade] “É importante para se aprofundar mais no nosso corpo e nos envolver com as pessoas”. [Sexo]“É uma conexão muito forte entre as pessoas”. (OA. Sexo: F)</p>	<p>Sexualidade é importante para o conhecimento do corpo e na relação com as pessoas. Sexo é importante na conexão entre as pessoas.</p>
<p>“Toda, pois sexualidade é um dos pilares principais na vida de alguém. Sua importância vai da educação (seja das crianças, jovens e adultos) até a vivencia”. [Sexo] “Importância de se proliferar, por meio de filhos biológicos, mas também a importância de compartilhar prazer, seja entre um relacionamento, ou em algo casual”. (Carol Danvers. Sexo: F)</p>	<p>Sexualidade é de fundamental importância na vida das pessoas, na educação que percorre toda a sua vida. Sexo é fundamental para obtenção de prazer e proliferação dos seres humanos.</p>
<p>[Sexualidade] “Tem extrema importância, pois nós seres humanos necessitamos de momentos de prazer e felicidade, estar em sociedade, isso tudo é exercer a sexualidade por isso ela é tão importante”. “Sexo é importante para a procriação de nossa espécie e também para estabelecer uma intimidade e conexão entre parceiros”. (Paola. Sexo: F)</p>	<p>Sexualidade e de extrema importância pois os humanos tem necessidades de sentir prazer, ser felizes e conviver em sociedade no exercício da sexualidade. Sexo é importante para perpetuação da espécie da espécie, ajustar intimidade e conexão entre parceiros.</p>
<p>[Sexualidade] “É importante porque a pessoa se conhece e passa a entender as</p>	<p>Sexualidade é importante para conhecimento de si e das outras pessoas.</p>

<p>outras pessoas e os fenômenos que acontece no corpo delas”.</p> <p>[Sexo] “É importante porque é uma conexão física com alguém importante”. (Nazaré Tedesco. Sexo: F)</p>	<p>Sexo é importante porque possibilita conexão física com parceiro.</p>
<p>[Sexualidade] “Tornar as pessoas mais humanitárias e menos egoístas ou preconceituosas”.</p> <p>[Sexo] “É importante pois diminui o estresse e várias outras coisas nas pessoas”. (Pietro. Sexo: M)</p>	<p>Sexualidade é importante pois torna pessoas mais humanitária, empática e sem preconceitos.</p> <p>Sexo é importante na diminuição do estresse.</p>
<p>[Sexualidade] “Ela nos ensina a refletir as diferenças, a acolher a todos que os que estão próximo a nós e a transmitir conhecimento sobre a importância em exercer nossa sexualidade”.</p> <p>“É através do sexo que desenvolvemos nossos sentimentos pela pessoa que temos afeto”. (Joãozinho. Sexo: M)</p>	<p>Sexualidade contribui na reflexão e acolhimento as diferenças. É importante viver no exercício da sexualidade.</p> <p>Sexo é importante para desenvolvimento de sentimentos e afetos.</p>
<p>“A sexualidade é muito importante para o convívio em sociedade”.</p> <p>“O sexo enquanto ação é importante por questões hormonais e de questão de afeto com quem temos intimidade. Pelo lado de identidade, é importante para conhecermos e respeitarmos as diferenças”. (Lady Gaga. Sexo: F)</p>	<p>Sexualidade é muito importante na convivência em sociedade.</p> <p>Sexo, visto como ato sexual é importante para equilíbrio hormonal e afetividade. Já do ponto de vista de identidade tem importância na prática do respeito as diferenças.</p>
<p>[Sexualidade] “Acho que é importante para que exista respeito”.</p> <p>“O sexo é importante para que haja cumplicidade entre os parceiros e alegria as pessoas”. (Inês. Sexo: F)</p>	<p>Sexualidade é importante para existência do respeito.</p> <p>Sexo é importante para gerar cumplicidade entre parceiros e alegrar as pessoas.</p>



Ficha técnica

2021, Universidade Federal do Acre.

Todos os direitos reservados. É permitido a reprodução parcial ou total desta obra, desde que sejam citadas as fontes e que não seja para venda ou qualquer fim comercial. A responsabilidade pelos direitos autorais do texto e imagem desta obra é da área técnica. O guia do (a) professor (a) pode ser acessado, na íntegra, na página eletrônica do programa de pós-graduação em Ensino de Ciências e Matemática: <http://www2.ufac.br/mpecim>.

1ª edição 2021

Guia do (a) professor (a): Trilhando o caminho da Educação Sexual

Autora da proposta:

Maria da Conceição N. da Silva

Orientadora da proposta:

Prof.ª Drª Francisca Estela Lima Freitas

Colaborador:

Prof. Dr. Milton, dos Santos Freitas

Apresentação do Guia do (a) Professor (a) Trilhando o caminho da Educação Sexual

A elaboração deste produto educacional é parte do requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências e Matemática, do Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Federal do Acre (MPECIM- UFAC).

O produto foi construído para contribuir para a prática docente, sendo um dos elementos de reforço no processo de ensino-aprendizagem no que diz respeito a Educação Sexual.

Esta proposta é decorrente dos resultados da pesquisa de dissertação de mestrado intitulada “A importância do ensino sobre sexualidade humana na formação docente”, desenvolvida entre estudantes do sétimo período do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal do Acre, sob a orientação da Professora Doutora Francisca Estela Lima Freitas. Assim, o produto apresenta uma abordagem com textos e dinâmicas que deverão ser trabalhados por professores (as) com estudantes, a partir do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio, visando auxiliar os professores (as) a desenvolver nos estudantes as habilidades socioemocionais,

estabelecida como uma das aprendizagens essenciais definidas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Por fim, esta proposta é uma sugestão que pode servir de inspiração para outras formas de trabalhar a Educação Sexual na escola. A partir das sugestões de textos e oficinas apresentada neste guia, há uma infinidade de textos e atividades que podem ser inseridas na temática da sexualidade. Contudo, o conhecimento não se exaure com atividade aqui proposta.

Bom trabalho!

Maria da Conceição N. da Silva
Autora da proposta

Prof.^a Dr.^a Francisca Estela Lima Freitas
Orientadora da proposta

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	05
OBJETIVOS	07
OBJETIVO GERAL	07
OBJETIVOS ESPECÍFICOS	07
DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES	07
REMIX DE TEMAS SOBRE SEXUALIDADE	08
HISTÓRIA, CONCEITOS E DIMENSÕES	08
ATIVIDADES PRÁTICAS/OFICINAS	12
CONSIDERAÇÕES FINAIS	16
REFERÊNCIAS	17

INTRODUÇÃO

Educação Sexual tem início em nossas vidas desde o nascimento, quando os pais atribuem, através o sexo do bebê, a cor do enxoval, os tipos de brinquedos e o seu comportamento diferenciado em relação à criança do sexo masculino e à do sexo feminino. Assim, a Educação Sexual se constitui de modo informal e de modo formal.

Para Figueiró (2013), a Educação Sexual informal se dá por meio da influência social, pois somos influenciados por ações não planejadas como atitudes, falas, olhares, gestos e silêncios. Já a Educação Sexual formal consiste no ensino intencional sobre sexualidade feito na escola, na igreja, nas unidades de saúde e até em casa, quando os pais pegam um livro sobre sexualidade e leem com as crianças, (FIGUEIRÓ, 2013).

Contudo, antes de irmos buscar por Educação Sexual, é interessante conhecer o seu conceito: Educação Sexual não se restringe só ao ensino formal da biologia e fisiologia humana. É conversar com a criança ou adolescente sobre preconceitos, tabus, vergonhas e medos. Para Freire (2011), a educação deve ser reflexiva e libertadora.

A Educação Sexual é aquele espaço onde os adultos conversam com as crianças ou adolescentes sobre sexualidade. É a oportunidade que a pessoa tem de se desfazer de ideias errôneas e feias sobre o corpo, sexo e a vida sexual. Na escola os (as) professores (as) devem ensinar a pensar, ouvir, e deixar os estudantes expressar sentimentos, debater, dar suas opiniões e respeitar opiniões diferentes (FIGUEIRÓ, 2014).

A falta do ensino sobre sexualidade no currículo escolar tem sido um importante fator no surgimento de problemas sociais. Braga (2018) aponta a desigualdade de gênero, o alto índice de HIV/AIDS, as infecções sexualmente transmissíveis, os altos índices de gravidez não planejada entre adolescentes e suas consequências, como parte desses problemas.

Nesse ensejo, na década de 90, ações do governo incluíram a temática da sexualidade nos Parâmetros Curriculares Nacionais, inserindo-a como tema transversal em toda educação básica. Para Figueiró (2014, p44) “A inserção da Educação Sexual nos PCN’s implica, com urgência, a necessidade de estudos, reflexões, debates e pesquisas, sobretudo a respeito da formação do educador”.

A articulação entre professores (as) e alunos (as) apresentam uma importante demanda na Educação Sexual. Desta forma, este produto educacional pretende constituir um espaço de ensino, aprendizagem e trocas de experiências e construção coletiva de conhecimento sobre a sexualidade humana.

O guia propõe, para acrescentar o conhecimento do (a) professor (a), uma introdução teórica. Pois tudo que queremos fazer tem que ter uma teoria necessariamente que o ilumine (FREIRE, 2011). Na sequência, se propõe as atividades práticas com uso de oficinas abordando as dimensões da sexualidade. Para Paviani e Fontana (2009), a utilização de oficina oportuniza vivenciar situações concretas e significativa, baseadas no sentir, pensar e agir, inserido no objetivo pedagógico.

O guia proposto busca fugir do ensino com abordagem higienista, sexista e ideológico. Busca a inovação com aulas dialógicas e reflexivas, incidindo sobre os estudantes (FREIRE, 2011). O guia traz um modelo de aprendizagem cujas características principais são a problematização da realidade e a prevenção de problemas relacionado à sexualidade humana.

Desse modo, almeja-se que esta proposta de atividade seja um instrumento que facilite a compreensão da sexualidade nas dimensões biológica psicológica e social.

OBJETIVOS

Na busca de utilizar a Educação Sexual formal para auxiliar o (a) professor (a) a desenvolver nos estudantes as habilidades socioemocionais, conforme definidas na Base Nacional Comum Curricular. Apresenta-se a seguir o objetivo geral e os específicos.

Objetivo Geral

Ampliar as concepções em relação à Sexualidade e à Educação Sexual na Escola.

Objetivos específicos

- Conhecer os aspectos históricos, conceitos e dimensões da sexualidade,
- Praticar, por meio de oficinas pedagógicas, e refletir sobre temas relevantes da sexualidade humana.

DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES

O desenvolvimento das atividades propostas ocorre em momentos distintos, oportuno ao professor (a). Está dividido em duas etapas, sendo a primeira com atividade de leitura do (a) professor (a), leitura prazerosa, sobre o contexto histórico, conceitos e as dimensões da sexualidade. Sugerimos que o (a) professor (a) socialize os conteúdos dessas leituras com a turma.

Na segunda etapa, as dimensões da sexualidade são trabalhadas na prática, no ambiente escolar, com aplicação de oficinas que possibilitam a ampliação do conhecimento sobre sexualidade nas dimensões biológica, psicológica e social.

No entanto, vale ressaltar que este trabalho se trata de uma proposta que pode ser adaptável e multiplicável por educadores (as) de qualquer disciplina.

REMIX DE TEMAS SOBRE SEXUALIDADE

SEXUALIDADE: aspectos históricos, conceitos e dimensões

Ao analisar a sexualidade ao longo da História, Foucault (2018) localizou no Período Paleolítico (10.000AC) a existência de um poder matriarcal, no qual surgiram a ideia de família e também o primeiro *tabu* da humanidade, o incesto. Já durante o Neolítico (9.000 AC) houve a mudança de regime, com a instalação do poder patriarcal, momento em que aparecem as primeiras formas de religião. A partir da Idade Média, no Século XII, a mulher começou a perder espaço, sob a influência da visão Aristotélica adotada pela Igreja e pelas doutrinas de São Paulo, Santo Agostinho e São Tomaz de Aquino. Sob essas influências passaram a vigorar uma série de exigências relativas às práticas sexuais, como o sexo somente heterossexual, no casamento, com finalidade reprodutiva, com os dias das relações sexuais previamente marcados e sem demonstração de paixão entre os cônjuges. Nasceram os pecados contra o corpo: a prostituição, o adultério, a homossexualidade, o autoerotismo. A culpa é instalada no imaginário popular, assim como o medo do Inferno. Mesmo assim, as práticas sexuais continuaram fazendo parte do cotidiano da população.

Durante a Idade Moderna surgiu o Puritanismo, de orientação Calvinista, onde se buscou o predomínio do autocontrole, da constância, da firmeza do sentimento e menos emoção, visando, dessa forma, modificar o comportamento desregrado e oscilante, numa tentativa de integrar sensualidade e espiritualidade, com predomínio do caráter ascético. Não havia espaço para a sensualidade e o prazer sexual. O que se observava era uma desvalorização do corpo e da sensibilidade para alcançar a plenitude moral. Assim, o sexo também seria desprovido de prazer (FOUCAULT, 2018).

Na Idade Contemporânea, época do reinado da Rainha Vitória, na Inglaterra do Século XVII, o comportamento sexual da sociedade ocorria de forma espontânea e as práticas sexuais eram libertinas, até que uma nova ética sexual surgiu, penetrando lentamente os ideais do cristianismo de virgindade, castidade, austeridade e importância do vínculo matrimonial. De acordo com Garton, (2009), o Período Vitoriano ocupou um lugar central na cultura popular como período de austeridade, repressão e rigidez sexual excessiva. Para o historiador, a sexualidade vitoriana foi referência como período de moralismo puritano, uma reação contra a libertinagem aristocrática que favorecia o desenvolvimento de um submundo sexual. Esse Período,

que se estendeu de junho de 1837 a janeiro de 1901, mesmo diante de um desenvolvimento econômico acelerado, se caracterizou, segundo Foucault (2018), por uma forte submissão feminina, a ocorrência de elevadas taxas de natalidade e de matrimônios precoces, com rigidez de costumes e a prática de um moralismo social e sexual que envolvia disciplina, preconceito e fortes proibições. Nesse cenário, a sexualidade dos indivíduos era muda, contida, hipócrita.

Ainda segundo Foucault (2018), a proliferação dos discursos oriundos da escola, da Igreja, da família e dos consultórios não visava a proibição ou a redução da prática sexual, mas sim o controle do indivíduo e da população. Discursos não visando abordar o sexo como uma coisa a ser tolerada, mas a ser gerida e inserida para o bem de todos; fazê-lo funcionar. “O sexo não se julga apenas, mas administra-se”. Regula-se o sexo, mas não pela proibição e sim por meio de discursos úteis, visando fortalecer e aumentar a potência do Estado como um todo. Diante desse contexto Foucault (2018) elaborou a Hipótese Repressiva – a negação da repressão – onde “a afirmação de uma sexualidade reprimida é acompanhada de um discurso destinado a dizer a verdade sobre o sexo”.

Para Foucault (2018), a hipótese repressiva foi um ponto de partida crítico para investigação da explosão sexual do século XIX. Nesse discurso ele considera a sexualidade o domínio principal para descoberta do Eu nas civilizações ocidentais. Ao contrário de reprimirem o sexo, os vitorianos inventaram a sexualidade.

Foi então, a partir do início do Século XIX, que a sexualidade começou a ser argumentada cientificamente por profissionais da medicina, quando esta passou a estudar o sexo segundo o modelo utilizado pela Igreja: o confessorário. Surgiu então a *Scientia Sexualis* (Ciência Sexual), definida como o corpo de conhecimento construído por dados coletados pelos médicos da época. Os dados obtidos eram relatados por pacientes por meio de entrevistas, cartas, autobiografia sobre pensamentos, crimes, sonhos, infância e sexo (FOUCAULT, 2018).

Portanto, a higiene (medicalização), assim como a Igreja, continuou a reprimir o prazer gratuito e sem compromisso com a procriação, pois para a Igreja a procriação era um dever para com Deus, enquanto a higiene era um dever para com o Estado. Tais premissas tinham como objetivo fazer com que a mulher não cometesse adultério e nem o onanismo e limitasse o homem somente à prática heterossexual e no casamento, no intuito de, assim, combater a prostituição. Desse modo, os principais objetivos da

medicalização do sexo eram a garantia da solidez da família e a proteção da prole, o que obrigava a necessidade de vincular o sexo ao amor para conseguirem impor as normas higiênicas relacionadas ao sexo (FIGUEIRÓ, 2009).

Neste contexto, as práticas sexuais que antes eram vistas como pecado pela Igreja passaram também a ser encaradas como doença, segundo a medicalização do sexo. Essa prática médica, com política higienista e biológica, passou a exercer um controle sobre a vida social e sexual das pessoas, propondo-se a assegurar o vigor físico e a pureza moral do indivíduo.

A sexualidade humana se constitui num fenômeno complexo que, para Furlani (2011) está composta por diversos aspectos, físicos, sociais e psicológicos e compreende, além do corpo, os costumes, as histórias, a religião e a cultura de uma sociedade. Sendo assim, a sexualidade consiste em uma dimensão humana e, portanto, estará presente em todas as fases da vida, demonstrando mecanismos próprios de manifestação, significação e vivência pessoal. Bonfim (2012), por sua vez, a considera um dos aspectos centrais da vida, que envolve papéis e orientação sexual, erotismo, sexo, prazer, além de comprometimento emocional, amor e reprodução.

Foucault (2018), alertou para o fato de que a sexualidade não se apresenta como um impulso rebelde, de natureza estranha e indócil, mas sim, um lugar de passagem pelas relações de poder entre as pessoas, homens e mulheres, jovens e idosos, pais e filhos, educadores e alunos, padres e leigos e entre administração e população. Nessas relações de poder a sexualidade não representa o elemento mais rígido, porém um dos dotados de maior instrumentalidade. Nesse sentido, a sexualidade pode ser apresentada como um dispositivo histórico, ou seja, pode ser considerada como uma criação social, pois se constitui a partir de vários discursos sobre o sexo, discursos esses que regulam, normatizam, estabelecem saberes e produzem verdades. Para a Organização Mundial da Saúde, a sexualidade é:

[...] parte integral da personalidade de cada um. É uma necessidade básica e um aspecto do ser humano que não pode ser separado dos outros aspectos da vida. Sexualidade não é sinônimo de coito e não se limita à presença ou não do orgasmo. Sexualidade é muito mais do que isso, é energia que motiva encontrar o amor, o contato e a intimidade e se expressa na forma de sentir, na forma das pessoas tocarem e serem tocadas. A sexualidade influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações e tanto a saúde física como

a mental. Se a saúde é um humano fundamental, saúde sexual também deveria ser considerada como um direito humano básico (EGYPTO, 2012. p. 15).

Para Costa (2005, p. 7) “a sexualidade se refere ao conjunto de fenômenos da vida sexual, sendo o aspecto central de nossa personalidade. É por meio dela que nos relacionamos com os outros, amamos, obtemos prazer e nos reproduzimos. No entanto, a sexualidade não se restringe exclusivamente à vida sexual, mas sim a uma visão mais ampla do ser humano, que envolve seus aspectos biológico, psicológico e social”.

Atualmente, vivemos a era da informação, da tecnologia. O acesso à informação é fácil e rápido, embora nem sempre seguro, e a sexualidade ainda é vista por muitos como um tabu, associada somente ao ato sexual. É necessário entendermos o que é a sexualidade. Foucault (2018, p.101), definiu a sexualidade como:

[...] o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder.

O autor nos chama para um olhar diferenciado para sexualidade, pautado numa visão de que a sexualidade é um fenômeno histórico-cultural e político, e não médico/higienista/biologista como antes. Nesse contexto, Figueiró (2009 p.189) aponta a diferenciação entre e sexo e sexualidade: “a sexualidade é elemento integrante de nossa identidade e envolve o amor, o prazer, o toque, o sexo, a afetividade, o carinho, os gestos, o respeito, a alegria de viver e o conjunto das normas culturais relacionadas à prática sexual. O sexo, por sua vez, diz respeito ao ato sexual em si”.

Por fim, diante do texto foi possível conhecer os aspectos históricos da sexualidade; bem como seus conceitos, é possível agora diferenciar sexualidade de sexo e entender que a sexualidade é bem mais ampla e profunda que o sexo. As dinâmicas a seguir têm o propósito de fornecer um entendimento amplo sobre o conceito de sexualidade baseado nas dimensões biológica, psicológica e social.

👉 **Continue trilhando...!**

Aprofunde
mais no
assunto!

- Fases do desenvolvimento da sexualidade: Com Prof^a Dr^a Claudia Bonfim. Acesse em: <http://educacaoesexualidadeprofclaudiabonfim.blogspot.com/2010/10/complexo-de-edipo-fases-do.html>.
- Sexualidade humana na escola: Com Prof^a Dr^a Jimena Furlani. Acesse em: https://www.youtube.com/watch?v=OpEZXYpA818&list=RDCMUCsodca-oPF7dwB6r0N2wNGw&start_radio=1.
- Gênero e sexualidade: Com Prof^a Dr^a Guacira Lopes Louro. Acesse em: <https://www.youtube.com/watch?v=CLICgvnu72I>.

Aponte o leitor de QR code do seu celular



ATIVIDADES PRÁTICAS/OFCINAS

Oficina – 1.

Tema: Conceituando a sexualidade utilizando a matemática.

Objetivos:

Formular o conceito de sexualidade a partir do conhecimento da turma; ampliar o entendimento sobre sexualidade, relacionando com a matemática.

Materiais:

Várias folhas de papel A4 cortada ao meio, canetas coloridas, fitas adesivas e um cartaz com os símbolos de matemática (>, <, C, +, =, ≠, ×, ÷, ≠ etc).

Desenvolvimento:

1. Distribuir as folhas de papel a cada estudante;
2. Pedir que cada pessoa escreva uma ou mais palavras que, no seu entendimento, tem relação com a sexualidade.
3. Dividir a turma em grupo de três ou quatro participantes.
4. Cada grupo deverá construir um texto sobre sexualidade, utilizando as palavras escritas e os símbolos matemáticos. (Por exemplo: “A > causa de ocorrência gravidez

não planejada é o fato das pessoas não usarem camisinha”; “ Um namoro que C respeite é + fácil dar certo. ”).

5. Socialização das frases.

Recomendação:

O (a) docente finaliza frisando que a sexualidade é a energia que move a vida e, por isso ela está relacionada a todos os aspectos do ser humano, inclusive aos conteúdos escolares.

Tempo: 45 minutos

Fonte: (Oficina adaptada, MAGALHÃES, 2011)

Oficina - 2.

Sexualidade: Dimensão Biológica - se refere ao corpo físico que temos, que sente, que vê e é visto.

Tema: Tabelando as infecções sexualmente transmissíveis.

Objetivos:

Informar sobre a transmissão, formas de prevenção e tratamento, de forma participativa.

Materiais:

1 cartolina dividida em cinco colunas. Na 1ª coluna escreve-se o nome das doenças; na 2ª os sintomas; na 3ª as formas de transmissão, na 4ª as consequências e na 5ª as formas de prevenção; tirinhas de papel A4 com os nomes de cada doença, sintomas, modo de transmissão, tratamento e prevenção de cada doença e fita adesiva.

Desenvolvimento:

1. Pregar a cartolina, com fita, no canto esquerdo do quadro, parte alta.
2. Entregar a cada participante as tirinhas de papel com os nomes das doenças, sintomas, transmissão, consequências e prevenção;
3. Cada pessoa deve colocar o nome das doenças abaixo da palavra doença;
4. Cada pessoa deve ler o sintoma que recebeu e, junto com a turma, deverá chegar a uma conclusão: a que doença se refere este sintoma. Quando a turma chegar a conclusão do primeiro sintoma, esta pessoa vai ao quadro e coloca sua tirinha na coluna “sintomas” e ao lado da doença a que se refere. Seguir assim até o ultimo sintoma.
5. Cada pessoa deve ler o modo de transmissão e prosseguir conforme o item acima.
6. Pregar no quadro, ao lado da expressão “formas de transmissão”, a palavra “consequências”
7. Cada pessoa deve ler o modo de prevenção e prosseguir conforme o item 5.

Perguntas para o debate:

- Foi difícil fazer a classificação?
- O que são sintomas?
- Existem sintomas que estão relacionados a mais de uma doença?
- Como podemos saber qual doença temos a partir dos sintomas?
- De quem é a responsabilidade de evitar a transmissão de cada doença?

Recomendação:

Todas as informações sobre doenças podem ser adquiridas no site do Ministério da Saúde.

Tempo: 60 minutos

Fonte: (Oficina adaptada, Magalhães, 2011)

Oficina – 3.

Sexualidade: Dimensão Psicológica - abordagem referente à nossa mente, ao psiquismo, às nossas emoções mais primárias, aos afetos, sentimentos, às fantasias, emoções, o contato consigo mesmo e aos sonhos.

Tema: Esse é o meu nome, é assim que eu sou!

Objetivos:

Fortalecer a autoestima; trabalhar a identidade; proporcionar um momento de afetividade; estimular laços afetivos, entre os membros da turma; incentivar a observação das qualidades dos (as) colegas de turma; desenvolver o vocábulo.

Materiais:

Uma folha de papel A4 para cada participante e canetas coloridas para escrever o nome.

Desenvolvimento:

1. Entregar para cada participante uma folha de papel.
2. Solicitar que cada participante escreva seu nome, ou como gosta de ser chamado (a), de forma bem caprichada, na parte superior da folha - cabeçalho.
3. O educador (a) solicita que cada participante passe a folha para sua direita.
4. Cada participante deve escrever duas qualidades referentes à pessoa cujo nome está escrito no papel. Frisar palavras que indiquem qualidade e não para os defeitos ou coisas ruins.
5. Todos os participantes devem escrever em todos os papeis até que cada participante receba de volta sua própria folha.
6. Dar um tempo para que leiam os escritos.

Perguntas para o debate:

- O que acharam da atividade?
- Como estão se sentindo?
- Concordam com as qualidades escritas?
- O que chamou sua atenção? Por quê?
- Por que as vezes as pessoas veem na gente algo que a gente não vê?

Recomendação:

O (a) docente finaliza frisando a importância do autoconhecimento, que todos nós temos muitas qualidades e também defeito, mas que sempre temos a oportunidade de melhorara.

Tempo: 20 minutos.

Fonte: (oficina adaptada, (MAGALHÃES, 2011)

Oficina - 4.

Sexualidade: Dimensão Social - é o mundo que nos rodeia, inclui religiosidade, família, raça/etnia, discriminação, preconceito, valores, normas e regras sociais.

Tema: Preconceito e discriminação.

Objetivos:

Identificar as diferenças que se tornam desigualdade por causa de característica físicas e/ou culturais.

Materiais:

Aparelho de som; uma fita com conceito de preconceito, e discriminação; fita adesiva.

Desenvolvimento:

“Quebra gelo”: solte a música e peça para os participantes se movimentarem de acordo com o ritmo da música. Avise que irá solicitar alguns comandos:

1. Formar uma dupla com alguém.
2. Colocar a mão no joelho esquerdo do outro.
3. Encostar o pé direito no pé do outro.
4. Encostar o cotovelo.
5. Desfazer a dupla e formar fila, com um de frente para o outro.

Atividade

1. Informe que o nome da atividade é: **coisas** e **pessoas**. Escolha aleatoriamente um grupo para ser “coisas” e o outro ser “pessoas”.

2. Ler as regras para cada grupo:

Coisas: As coisas não podem pensar, não sentem, não podem tomar decisões, não tem sexualidade, tem que fazer o que as pessoas lhes ordenem; para fazer algo tem que pedir permissão às pessoas.

Pessoas: As pessoas pensam, podem tomar decisões, tem sexualidade, sentem e podem pegar as coisas que quiserem.

3. Peça para o grupo das “pessoas” pegar as “coisas” e fazer com elas o que quiser, qualquer atividade.

4. A “coisa” tem 5 minutos para atender o comando das “pessoas”, dentro do espaço da sala de aula ou no pátio da escola.

5. Solicite aos participantes que regressem aos seus lugares. E explore a atividade a partir das seguintes questões:

- Como é se sentir como coisa?
- Como é se sentir como pessoa?

6. Por fim, apresente os conceitos de preconceito e discriminação, escrito nas fichas:

Preconceito - predisposições negativas a respeito de uma pessoa ou um grupo de pessoas com base em característica físicas e/ou culturais.

Discriminação - conduta (ação ou omissão) que viola o direito das pessoas com base em critérios injustificados e injustos, tais como raça, sexo, idade, opção religiosa etc.

Recomendação:

O (a) docente deve conduzir a oficina garantindo que todos os participantes tenham direito à fala, permitindo a exposição, a confrontação e o debate de ideias, estimulando o respeito e as diferenças de opiniões, evitando o desrespeito e o julgamento.

Tempo: 2 horas

Fonte: (Oficina adaptada. MATAR, 2008).

Oficina – 5.

Esta oficina possibilita visualizar a sexualidade nas dimensões biológica, psicológica e social.

Tema: Estou grávida, e agora...?

Objetivos:

Vivenciar a situação de uma gravidez na adolescência/não planejada;
Promover o debate sobre as responsabilidades de ser mãe e pai.

Materiais:

Sala ampla e confortável, um pirulito, um balão, aparelho de som/música.

Desenvolvimento:

1. Higienizar o pirulito e o balão com álcool em gel.
2. Entregue o pirulito a um menino e o balão a uma menina.
3. Solte a música e peça para os participantes se movimentarem de acordo com o ritmo da música; oriente para que o pirulito seja repassado na turma, mas só entre os meninos e o balão repassado só entre as meninas.
4. Após 2 minutos interrompa a música.
5. Peça para os participantes formarem um círculo no centro da sala.
6. Chame a participante que estiver com o balão e o participante que estiver com o pirulito para o centro do círculo.
7. Insira o balão sob a blusa da participante, simulando uma barriga de gravidez, explicando que a partir daquele momento ambos vão representar um casal de adolescentes, “Nazaré”, com 14 anos e “Joãozinho, com 17” e que os dois estão grávidos.
8. Os demais participantes são escolhidos para representar os melhores amigos, os pais e os vizinhos de Nazaré e de Joãozinho.

Observação: por se tratar de uma encenação que retrata situações da realidade, o desfecho dessa história é imprevisível, podendo ocasionar os seguintes questionamentos:

- a). Nazaré ficou feliz ou triste com a gravidez? Para quem ela vai contar de sua gravidez? Para sua melhor amiga ou para sua mãe?
 - b). E Joãozinho, o que vai fazer?
 - c). Quais atitudes dos pais de Nazaré? E dos pais de Joãozinho?
 - d). E os melhores amigos, o que dizem?
 - e). O que os vizinhos dizem sobre a gravidez de Nazaré e Joãozinho?
- Após a encenação, a turma senta, formando um círculo.

Perguntas para o debate:

- O que é ser pai?
- O que é ser mãe?
- Toda gravidez que acontece na adolescência é indesejável?
- O que muda na vida de uma adolescente que tem um (a) filho (a)?
- O que muda na vida de um menino adolescente que tem um (a) filho (a)?
- De quem é a responsabilidade na hora de cuidar de um filho (a)?

Recomendação:

O (a) docente finalizará frisando que percebemos a dimensão biológica da sexualidade porque a gravidez ocorre no corpo da mulher, notamos a dimensão psicológica no estado de alegria ou tristeza ao saber que estar grávida. Por fim a dimensão social que foi representada pelos vizinhos e amigos dos grávidos.

Tempo: 2 horas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um produto educacional sobre sexualidade sempre proporciona expectativa, a começar pelo título, acentuando a palavra “sexo” ou “sexualidade”, podendo nos tomar por uma grande curiosidade, pois somos tocados e desafiados a querer saber mais. Como Foucault (2018) define no subtítulo da sua obra *História da sexualidade*:

“a vontade de saber”. É essa vontade de saber que nos impulsiona a busca pelo conhecimento (BONFIM, 2012).

Nesse sentido, finalizamos acreditando que esta proposta possa contribuir na troca de experiências entre professores (as) e alunos (as) e na formação constante dos docentes, considerando ser a temática da sexualidade tão desafiadora para muitos educadores (as) entretanto de muita importância, tanto para os (as) alunos (as) quanto para toda a sociedade que se beneficia dos resultados do ensino-aprendizagem sobre educação sexual.

APÊNDICE D - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



Universidade Federal do Acre
 Pró- Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
 Centro de Ciências Biológicas e da Natureza-CCBN
 Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do projeto: Formação de Educadores como estratégia para o Ensino da Sexualidade.

As informações que seguem abaixo estão sendo fornecidas para sua participação voluntária neste estudo de natureza qualitativa, utilizando uma estratégia metodológica denominada pesquisa-ação, que tem por objetivo contribuir na formação dos alunos dos cursos de licenciatura da Universidade Federal do Acre, no ensino da sexualidade, observando suas dimensões biológica, psicológica e social. Dessa forma, será possível construir coletivamente propostas de realização de práticas e reflexões educativas em sexualidade com os professores em formação inicial da UFAC.

Os dados serão coletados em sala de aula, na disciplina Sexualidade. Por meio de questionário, diário de bordos, gravações de áudio e relatórios. Não haverá riscos e desconfortos para os participantes.

Não será divulgada a identificação de nenhum depoente. O sigilo será assegurado durante todo o processo da pesquisa e também no momento de divulgação dos dados.

A sociedade se beneficiará de docentes com capacidade de ensino sobre sexualidade de modo formal e intencional. Não se vislumbra danos advindos da pesquisa. A autoria da pesquisa se compromete está à disposição dos sujeitos participantes da pesquisa no sentido de oferecer quaisquer esclarecimentos sempre que se fizer necessário.

A participação dos sujeitos no processo de investigação é voluntária e livre de qualquer forme de remuneração, e caso ache conveniente, o seu consentimento em participar da pesquisa poderá ser retirado a qualquer momento.

Em qualquer etapa do estudo você terá acesso aos profissionais responsáveis pela pesquisa para esclarecimento de eventuais dúvidas. O principal pesquisador é a professora Maria da Conceição Nogueira da Silva, que pode ser encontrada na Universidade Federal do Acre- UFAC. Celular (68) 92249343 e e-mail: conceição.n.adm@gamil.com

Não há despesas pessoais para o participante em qualquer fase do estudo. Também não há compensação financeira relacionada à sua participação. Acredito ter sido suficientemente informado a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim, descrevendo o estudo “Formação de Educadores como estratégia para o Ensino da Sexualidade”. Eu discuti com a pesquisadora professora Maria da Conceição Nogueira da Silva sobre a minha decisão em participar desse estudo. Ficam claros para mim quais são os propósitos do estudo e os procedimentos a serem realizados. Ficou claro também que a minha participação é isenta de despesas e que tenho garantia do sigilo nominal e de minhas informações. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízo.

Asseguramos uma cópia deste termo para o (a) entrevistado (a) e outra para o pesquisador.

.....
Assinatura do (a) entrevistado (a)

Data: 27/ 03/2019.

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste (a) narrador (a) para a participação neste estudo.

.....
Maria da Conceição Nogueira da Silva -
Pesquisador

Data: 27/ 03/2019.

APÊNDICE E – ROTEIRO DE QUESTIONÁRIO PRÉ-INTERVENÇÃO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE – UFAC
CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE CIÊNCIAS E
MATEMÁTICA-
MPECIM

Disciplina: SEXUALIDADE E DESENVOLVIMENTO HUMANO
Docente: Dr^a. Francisca Estela

Data ____ / ____ / ____

Roteiro de questionário para pré-intervenção

Dados de Identificação:

1. Nome (Fictício): _____ 2. Sexo: M () ou F().
3. Idade _____ 4. Estado Civil: _____
5. Religião: _____ 6. Profissão: _____

Questões:

1. O que você acha que é a sexualidade?
2. E o sexo?
3. Qual a importância da sexualidade na vida das pessoas?
4. E do sexo?
5. Você acha importante a participação da família e da escola na formação para a sexualidade das pessoas? Por que?
- 6- Fale da sua educação sexual. Você recebeu algum tipo de educação sexual e sobre a sexualidade por parte de seus familiares? E da escola? Você está contente com ela?

APÊNDICE F – ROTEIRO DE QUESTIONÁRIO PÓS-INTERVENÇÃO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE – UFAC
CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE CIÊNCIAS E
MATEMÁTICA-
MPECIM

Disciplina: SEXUALIDADE E DESENVOLVIMENTO HUMANO
Docente: Dr^a. Francisca Estela

Data ____/____/____

Roteiro de questionário para pós-intervenção

Dados de Identificação:

1. Nome (Fictício): _____ 2. Sexo: M () ou F().
3. Idade _____ 4. Estado Civil: _____
5. Religião: _____ 6. Profissão: _____

Questões:

1. O que você acha que é a sexualidade?
2. E o sexo?
3. Qual a importância da sexualidade na vida das pessoas?
4. E do sexo?
5. Você acha importante a participação da família e da escola na formação para a sexualidade das pessoas? Por que?

APÊNDICE G – FORMULÁRIO AVALIAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE**

Formulário Avaliação do Produto Educacional

Prezado (a) discente de licenciatura, este Formulário de pesquisa servirá como base para a avaliação/validação do Produto Educacional intitulado “Guia do (a) professor (a): Trilhando o caminho da Educação Sexual” que é resultado do trabalho de pesquisa “ A importância do ensino sobre sexualidade humana na formação docente”. O produto educacional é um requisito do mestrado profissional referente ao Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática – MPECIM/UFAC.

Rio Branco Acre, maio de 2021

Nome (fictício) _____ **idade** _____

Questões:

1. A metodologia do Guia apresenta, clara e objetivamente, a forma de desenvolvimento e análise das estratégias propostas?

Sim () Não () Pode melhorar ()

2. Caso tenha respondido pode melhorar na questão anterior, indique o que você acredita que pode ser melhorado no guia.

3. As práticas propostas no Guia são adequadas para os objetivos a que se propõem?

Sim () Não () Talvez ()

4. Você utilizaria em sua prática docente o Guia apresentado?

Sim () Não () Talvez ()

5. Você acha que o Guia facilita a sua aprendizagem sobre sexualidade?

Sim () Não () Talvez () Não recomendaria o uso ()

6. Você acredita que o Guia será de fácil aplicação nas suas aulas ou nos demais espaços escolares?

Sim () Não () Talvez ()

7. Você considera o Guia do (a) professor (a) é de fácil aquisição?

Sim () Não ()

8. Sabendo-se que a inovação (tecnológica, educacional e/ou social) no ensino está atrelada a uma mudança de mentalidade e/ou a um modo de fazer de educadores, gestores, alunos e egressos, na sua opinião este produto apresenta qual grau de inovação?

Baixo () Médio () Alto () Nenhum ()

9. Deixe aqui um comentário caso queira destacar alguma consideração importante.
